N.º 16 ★ 19-4-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

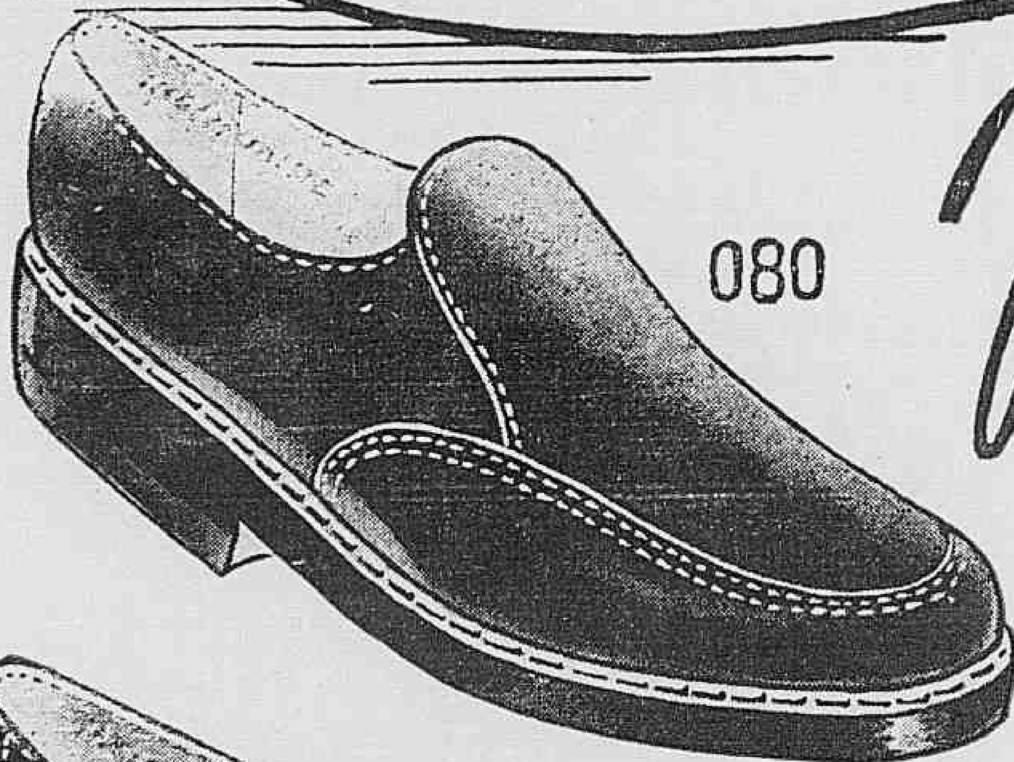
A CENA muda

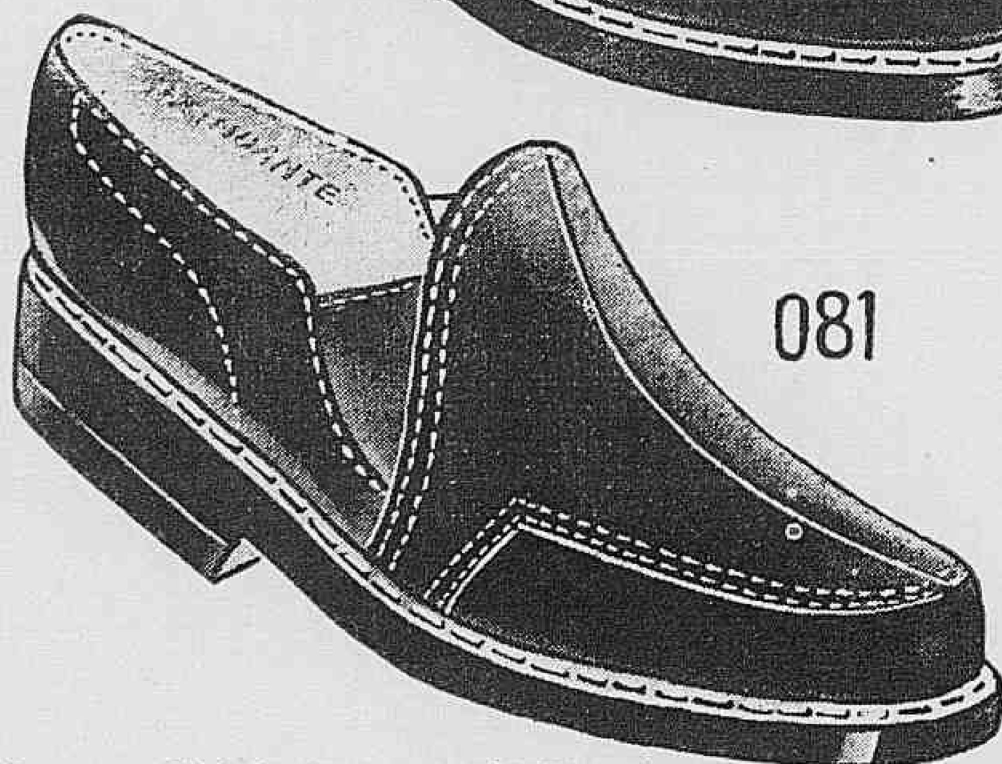


CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES



O BRASIL FABRÍCA
O MELHOR CALÇADO DO MUNDO
INSINUANTE
VENDE O MELHOR CALÇADO DO
BRASIL





Maracanã!
UM SAPATO
Excepcional
POR PREÇO
Excepcional

CR$ 175,00

INSINUANTE
Devolve a importancia
com o mesmo sorriso
com que lhe vende!

insinuante

UMA GALERIA A'
SUA DISPOSIÇÃO,
COM ÁGUA
GELADINHA
SEMPRE ÁS SUAS
ORDENS

CARIOCA, 46·48 - 7 de SETEMBRO, 199·201

AT. SEMOG

A CENA muda

Semanário de ARTE

ANO 30 ★ N.º 16, de 19 de abril de 1951

SUMARIO

E' proibido jeijar (Leon Eliachar) 3
Geografia de Virginia (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 4
Flashes Mundiais 6
Portugal perdeu um engenheiro (Max Gold) 8
Linda Sterling, a rainha dos seriados 10
Dentro da vida (cinema brasileiro) 12
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
Por Um Amor (cine-romance) 15
Você sabe quem é «Dalila»? (Oslero) 18
Valentino (cine-romance) 20
Micheline Prele (close-up) ... 23
Rastro Sangrento (resumo) ... 25
Rádio (Armando Migueis) 26
Melodias para você 29
Telas da cidade 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 33
Pausa para meditação 34
Opinião alheia 34

★

CAPA:
HOWARD DUFF
(U. Int.)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75.000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Publicidade em São Paulo: Jarbas de Freitas Galvão Rua da Conceição, 58 — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 8,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



É PROIBIDO BEIJAR

A Censura, que limita e controla o beijo cinematográfico, parece que está querendo fugir da tela para invadir a platéia. Pelo menos, foi o que entendeu o atual Chefe de Policia do Rio de Janeiro, que, no intuito de fazer uma "limpeza" nos salões de projeção de nossos cinemas, achou de começar pelo beijo — que, segundo a sua opinião, é o que há de mais sujo nas casas exibidoras. Se a sua intenção é das melhores, o que não duvidamos, não deixa de ser, sob outro aspecto, prejudicial. Segundo ficou estabelecido, só as pessoas que derem provas de casados podem entregar-se ao prazer de um beijo na penumbra de um salão de cinema. Os outros, namorados e noivos, ou mesmo simples amiguinhos, estarão sujeitos à multas que podem atingir à quantia de quinhento cruzeiros.

E é justamente nesse momento que me sinto penalizado, diante dos casais de namorados que procuram o refúgio acolhedor de um cinema para a troca de uma caricia, de um beijo, de um abraço — dentro dos limites da ética e do pudor. Porque é dêsses beijos furtivos que muita vez nasce, espontâneamente, a proposta de um casamento.

Sem dúvida alguma, essa idéia de acabar com o beijo no escuro não é uma idéia luminosa. Nem tampouco deve ter partido dos cérebros privilegiados dos exibidores, de vez que êstes, mais do que ninguém, sabem perfeitamente que suas casas são lotadas, mais pelo desejo de um isolamento, de um cantinho escuro e refrigerado, do que pròpriamente pela necessidade de se assistir a um filme, sentadinhos, lá no fundo, mergulhados na escuridão da última fila. O máximo que êles fariam, no caso, seria tirar a última fila.

E agora? Aonde irão pousar os casais de namorados? Os filmes que são exibidos raramente valem os Cr$ 7,70 — e raramente são vistos, por isso mesmo.

Os cinemas, em verdade, são confortáveis, as poltronas macias. E nada mais confortador do que telegrafar com os dedinhos as mãozinhas delicadas e trêmulas da namorada ao lado. Ver seus olhos brilharem no escuro, sentir a sua respiração forte, torcer-se na cadeira ao contato dos lábios. Tudo tão ingênuo, tão inocente, tão humano. Privar os casais dêsse abrigo acolhedor seria falta de humanidade, seria contradizer os principios do amor que controlam o mundo, que controlam a própria vida — essa mesma vida que é refletida na tela entre os intervalos dos beijos de artistas. Porque, em verdade, as pessoas que são realmente casadas, não têm necessidade de se meter no cinema para beijar as espôsas; isso elas podem fazê-lo dentro de sua própria casa. Mas os que namoram, os jovens da nova geração, essa mesma geração que está aprendendo a viver dentro dos moldes cinematográficos, estará privada de saborear um dos maiores prazeres da vida: o beijo, do qual Swift perguntava, irônicamente: "Senhor, eu desejaria saber quem foi o imbecil que inventou o beijo". E a resposta ficaria no ar, porque todos nós "inventamos" o beijo, movidos pelo impulso do amor, pela atração irresistivel que une os lábios de um homem aos lábios de u'a mulher. E não compreendo, por isso mesmo, essa atitude ingênua da Policia em contrariar a natureza. Um beijo delicado, sincero, tem a sua poesia. O que a Policia poderia controlar, dentro dos salões de projeção, ela faz questão de não ver. Há, realmente, tanta sujeira dentro das casas de espetáculos para que a Policia venha a começar pelo beijo. A questão é muito simples — e basta que abram os olhos.

Mas, enfim, que é que se pode fazer? Os detectives já andam espalhados pelos cinemas, disfarçados de espectadores, controlando os casais de namorados. E ao mais leve e suspeito movimento, saltará uma carteirinha vermelha, para autuar o flagrante e cobrar as multas.

Pronto. Lá se foi o meu ordenado.

leon eliachar

GEOGRAFIA DE VIRGÍNIA

SITUAÇÃO ★ LIMITES ★ A DA HISTÓRIA E A DO CINEMA ★ PRODUÇÃO ★ QUEM MORA LÁ É FELIZ. . .

Salvyano Cavalcanti de Paiva



A Virgínia é um dos quarenta e oito Estados norte-americanos do país por isso mesmo chamado de Estados-Unidos da América... A Virgínia ocupa um certo lugar no espaço: uma área de 40.815 milhas quadradas do planêta. Terra e sua população atinge a escandalosa cifra de três milhões. Tem, portanto, mais gente do que o Distrito Federal, Brasil... A capital da Virgínia é a cidade de Richmond que, absolutamente, não quer dizer mundo rico...

A Virgínia limita ao Norte com os Estados de Maryland e Virgínia Oeste; ao Sul com o Estado de Carolina do Norte e com o Estado de Tennessee (onde existe um famoso vale e uma famosa barragem...); a Leste com o Oceano Atlântico; e a Oeste a Virgínia é limitada por dois outros Estados: o da Virgínia de Oeste (West Virgínia, dizem os gringos invertendo as palavras) e o do Kentucky. Temos, pois, que a Virgínia é uma terra típica do Dixie: tem negro que não acaba mais e tem muito branco presunçoso, bebedor de refrescos de julepe, metido a troço, ricos, preguiçosos, racistas, reacionários e gosadores da vida: aquêles sulistas... A cultura do fumo fez, faz e fará a riqueza da terra. A Virgínia tem um mundão de fazendas de fumo como o Estado de S. Paulo, por aqui, tem um mundão de fazendas de café... A mão de obra é barata e o dinheiro entra fácil...

A Virgínia tem tradições: foi a primeira colônia inglêsa de importância na América, verdadeiramente o núcleo organizado, sólido, para exploração dos novos territórios de Sua Majestade para refúgio dos párias escorraçados da Grã-Bretanha pelo terror e as inquisições religiosas. A Virgínia foi fundada pelo **senhor** Walter Raleigh (um tipo de sangue azulado, mais conhecido como **Sir**). E o nome da colônia nasceu de uma homenagem à rainha Elizabeth (Bette Davis ou madame Morineau?...) que, embora fôsse namorada do Conde Errol Flynn de Essex, dizia-se virgem...

A Virgínia tem ainda outras tradições: ali nasceu o grande Thomas Jefferson, o autor da «Declaração da Independência». Ali é que, em Yorktown, o exército popular americano venceu, sob o comando geral de George Washington, os bandidos inglêses que desejavam subjugar a jovem nação à custa do imposto do chá... E George Washington, qualquer menino de escola pública ou fã de fitas de Cecil B. De Mille, sabe: era virginiano. De Virgínia é que partiram os bandeirantes intrépidos para a descoberta do Oeste, o **far-west** de John Ford... (Oh, Susanna, don't you cry for me...)

Mas a Virgínia tem outras tradições ainda: na guerra de Secessão entre o Norte e o Sul (um liberal e outro escravocrata) o Estado dividiu-se: metade dos cidadãos aderiu à tristemente famosa Confederação de Scarlett O'Hara e Ashley Wilkes i.é., dos sulistas agricultores, arrogantes, de uniforme cinza, e a outra metade, unida no Estado de West Virgínia permaneceu leal à União, aos princípios humanos do imortal Abraham Lincoln, de uniforme azul, **yankee**...

A Virgínia foi palco de quase tôda a guerra de Secessão (Se-ces-são), não confundir com sucessão) e de importantes batalhas, naturalmente, como Fredericksburg, Shenandoah, Richmond. Tudo isso, vocês bem o sabem, está em «...E o vento levou» e noutras fitinhas cretinas que aparecem de vez em quando tentando defender a nobreza de caráter e a «razão» dos sulistas naquela inglória e infame guerra entre gente do mesmo sangue, etc., etc....

Mas a Virgínia de quem eu quero falar aqui nada tem de comum com esta de quem já falei, exceto superar como flôr de carne que vem a ser, as flôres vegetais da referida região, as chamadas **Virginia's Mayo**, umas rosas muito bonitas e metidas a besta, é verdade, mas que empalidecem de vergonha quando colocadas diante do colo róseo da verdadeira Virgínia, a que me quero referir, a VIRGÍNIA MAYO também, mas do cinema, loura, de 26 anos de idade e outros tantos de malícia, que não nasceu em maio mas em novembro, nem nasceu na Virgínia, mas em St. Louis, Missouri, muitas milhas distante. Esta Virgínia, que é realmente algo de parar o trânsito, possui acidentes geográficos notáveis: em lugar de montanhas e vales, possui saliências e reintrâncias fabulosas; a sua vegetação é frondosa: a cabeça tem ondulação permanente e uma cabeleira digna das melhores fôlhas douradas de fumo do monopolista Gary Cinzas ao Vento Cooper; e no resto do Estado, digo no resto do corpo, os pêlos são maciamente rastejantes... Em lugar de rios, Virgínia Mayo tem risos lancinantes **(Tu és, divina e graciosa, estátua magestosa!...)** e quando ela ri mexe com todos os parangolés deixando a gente arquisuspensos de satisfação!... Se deixa!... E' uma beleza, vão por mim, estou lhes dizendo!... Com 1,79m. de área total(alongada, não é?) e 67 quilos, ela é habitada por Michael O'Shea, um canastrão que aproveita do chavéco pra meter a cara. Virgínia tem olhos verdes como pé de limão... A tradição cinematográfica de Virgínia se reporta a 1943. Daquela data até hoje, atravessando o paralelo 38, digo, oito primaveras, Virgínia, embora fume, não produz fumo, produz amor: calafrios, torceduras de mãos dos meninos nervosos, baba dos neuróticos despeitados com o Burt Lancaster ou com o Jimmy Cagney, com o Joel McCrea ou o Danny Kaye. Virgínia produz amor exportado em celulóide enlatado via Hollywood U.S.A. a Cr$ 7,70 a peça... Tanto em prêto-e-branco como em tecnicolor, os suspiros se multiplicam, e os beijos criam asas... Principalmente porque Virgínia tem a ótima tradição de mostrar as gâmbias, valeu?... Gâmbias torneadas e retas como taco de bilhar e que são como nem galinha recheiada em vitrine de restaurante de luxo...

Para morar em Virgínia, i.é., na outra Virgínia, não é difícil: é bastante conseguir a **visa** da embaixada, arrumar os cacarecos e ir em frente, colhêr fumo na fazenda de Donald Crisp e aguentar a neurose de Patrícia Neal... Mas pra morar na minha Virgínia, vejam bem como é difícil: é preciso ter classe. Michael O'Shea, cafajeste até dizer basta, conseguiu. Quem se candidata a roubar-lhe o posto? Quem está nessa bôca?...



Virgínia e Mike admiram a área total de Virgínia: òbviamente atrativo pedaço de propriedade



Com 115 libras de pêso, ela continua aumentando, e é tão valiosa quanto um metro quadrado na Esplanada do Castelo.



E se vale tanto quanto pesa — é muitas vêzes mais desejável. Olhem, por favor, estas pernas...



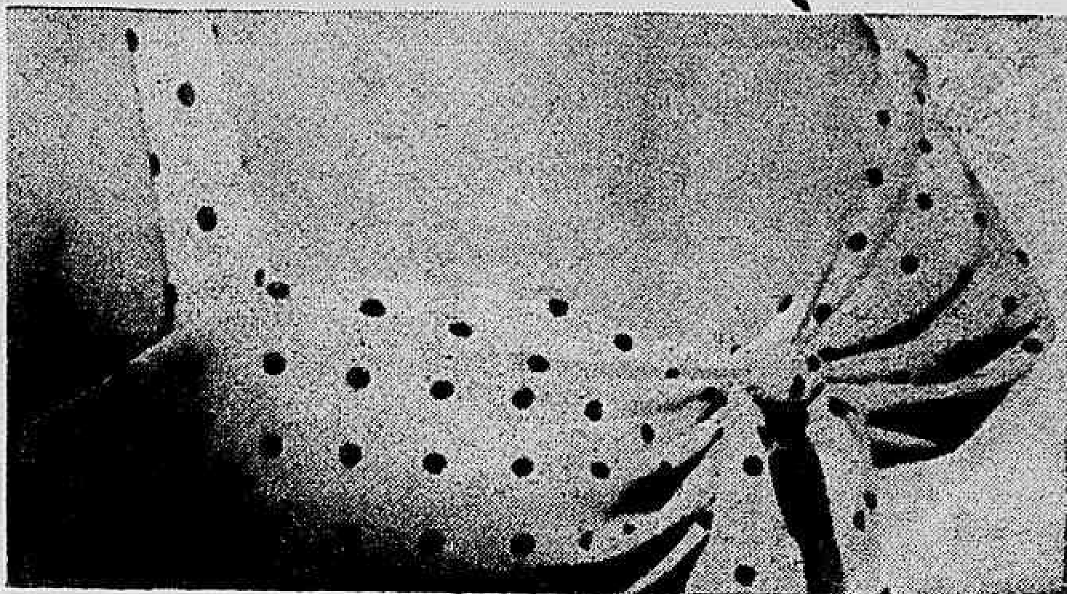
Area nortista (positivamente não é Artica): — geralmente loura — mas tende a variar...



A região sub-nasal de Virgínia é dominada por marfim e geleia côr de açafrão



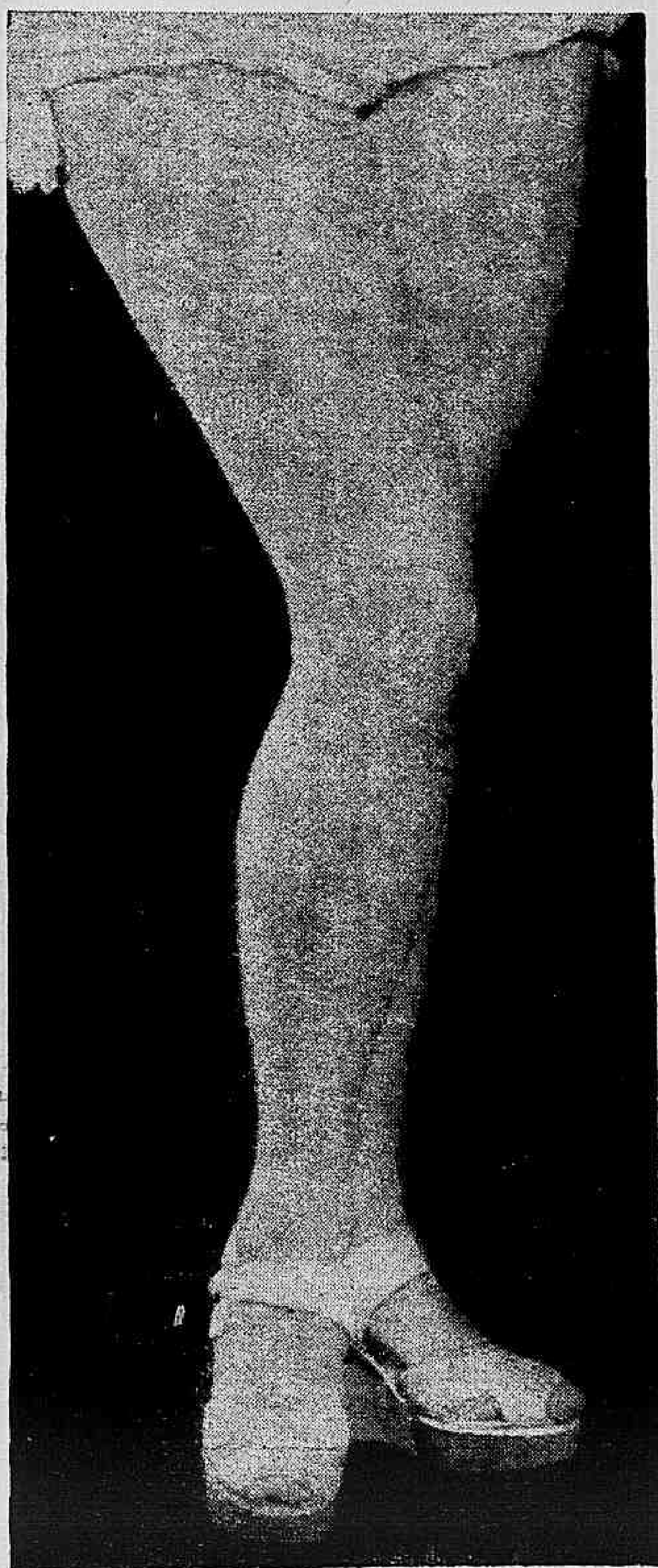
Um presente e futuro acre para cultivo, os olhos de Virgínia são azuis-esverdeados



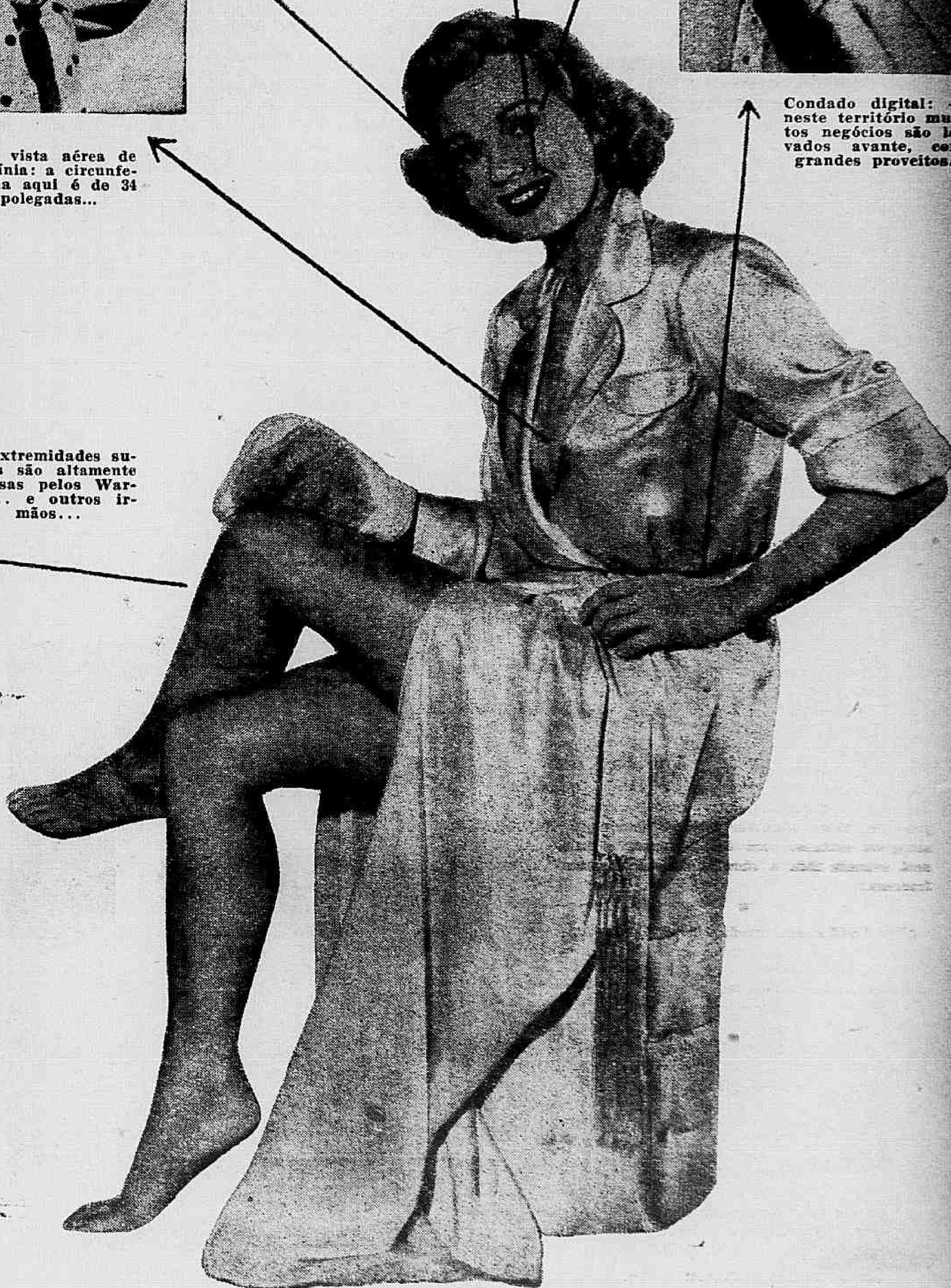


Condado digital: — neste território muitos negócios são levados avante, com grandes proveitos.

Uma vista aérea de Virgínia: a circunferência aqui é de 34 polegadas...



As extremidades sulistas são altamente valiosas pelos Warner... e outros irmãos...



FLASHES

James Cagney, o vigoroso intérprete de tantos dramas de Hollywood, está filmando para Metro, «Angels in the outfield», dirigido por Clarence Brown, e que tem também no elenco o nome de Paul Douglas.

★

Cantinflas, o impagavel cômico mexicano que há pouco passou pelo Rio, será novamente visto em «Um dia com o diabo», que será apresentado no Brasil pela RKO.

★

«O Belo Brummel», um dos celuloides que muito contribuiu para a fama de John Barrymore há muitos anos, vem de ser refilmado pela Metro, tendo como principal intérprete Stewart Granges, o astro de «As Minas de Salomão».

★

Mais uma vez Somerset Maugham, o famoso escritor, autor dos contos que constituiram o tema de «Quarteto», volta a ter outros de seus contos transportados para o celuloide. Tratase de «The Verger», «Mr. Knowall» e «Sanatorium» que comporão os assuntos focalizados em «Trio».

★

«Caroline Chèrie» o famoso romance de Cecil-Saint Laurent, um dos maiores «best-seller» franceses da atualidade, vem de ser transportado para a tela, numa adatação cinematográfica de Jean Anouhil. No elenco encabeçado por Martine Carol, a revelação de «Os Amantes de Verona», vamos encontrar também os nomes de Paul Bernard, Alfred Adam e Maria Déa — «Alma em Pecado» será o seu título em português.

★

«When in Rome» é o nome da mais recente película dirigida e produzida por Clarence Brown para a Metro. Van Johnson será a principal figura desta nova produção, na qual êle encarna um pastor protestante.

★

William Holden e Nancy Olsen, vêm de terminar para a Paramount, sob a direção de Rudy Maté, «Rastro Sangrento» (Union Station).

Gene Kelly e Vera-Ellen que tanto êxito obtiveram no quadro «Assassínio na Décima Avenida», em «Minha Vida é uma Canção», aparecerão novamente juntos em «Chost of a Chance», produção de Joe Pasternak. Antes, porém, Vera-Ellen terminará «Beule of New York, com Fred Astaire.

Mais uma vez vem de ser filmada a obra de Lews Carrol, «Alice no País das Maravilhas», um clássico infantil de incontestável popularidade mundial. Desta vez, a heroina da encantadora obra de Carrol, será Carol Marsh, uma atriz inglêsa escolhida entre mais de quinhentas candidatas.

★

O cineasta Yannick Bellou, vem de iniciar a rodagem de um documentário cujo assunto gira em tôrno da vida de Colete, seu passado e seu presente. Neste celuloide além de outros personagens conta-se com Jean Cocteau, e nele será evocada tôda a obra da famosa escritora francesa.

★

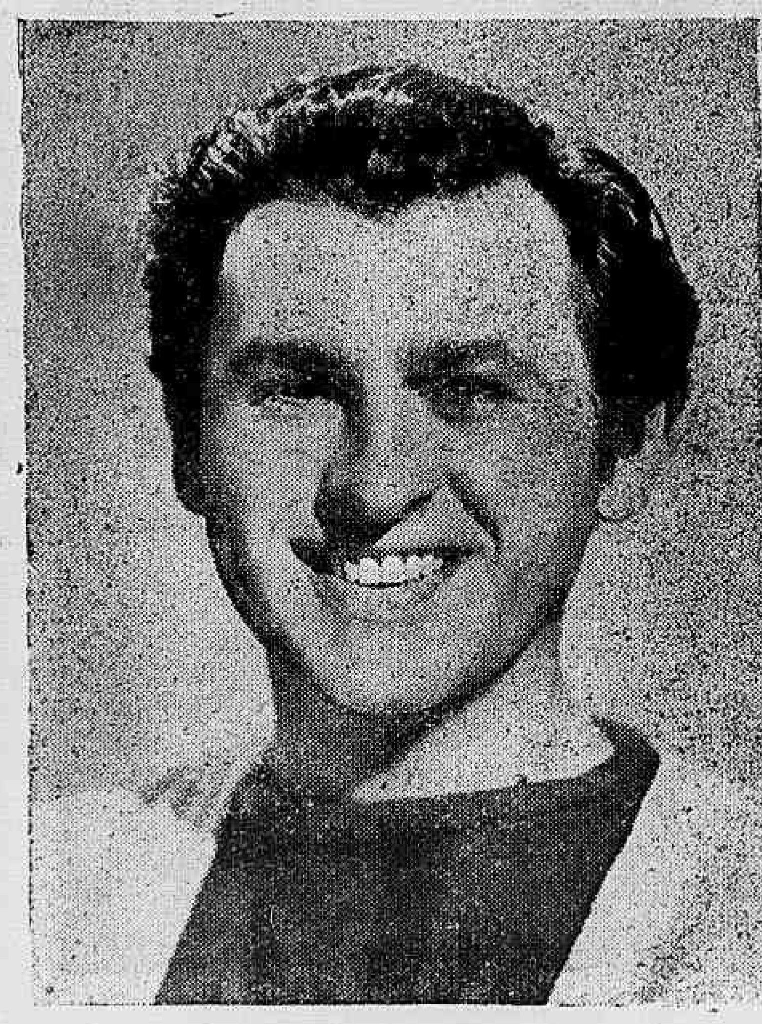
Allan Ladd, o consagrado astro da Paramount, foi mais uma vez, a terceira consecutiva, eleito o ator mais popular do cinema norte americano. Eleito por milhões de votos, dos leitores do Modem Screen Magazine, Allan recebeu a visita de um grupo de editôres desta revista que vieram de Nova York a Hollywood para notificá-lo da vitória e presenteá-lo com uma taça de prata como sinal desta distinção.

★

«Il Fuorilegge» uma nova produção do cinema italiano, conta-nos a história das façanhas e da vida de Giuliano, o mais famoso bandido da atualidade. No elenco encontram-se os nomes de Vittório Gassmann, Ermano Randi, e Maria Grazia Francia.



Danielle Darrieux está de volta a Hollywood, desta vez sob contrato da Metro, e fará o papel de Jane Powell em «Rica, Moça e Bonita» (Rich, young, and pretty)



Stewart Granger, o apreciado astro britânico agora filmando em Hollywood, será o intérprete de «Constable Pedley», produção da Metro

MUNDIAIS

«A Carne e a Alma» (The Company She Keeps) é mais uma produção da RKO que nos traz de volta às telas cariocas Lizabeth Scott, encabeçando um elenco que conta também com os nomes de Jane Greer e Dennis O'Keefe.

★

«O Direito de Matar» (Justice est faite) é mais um vigoroso drama do cinema francês, premiado como o **melhor filme** no Festival Internacional de Veneza em 1950, e que nos traz Michel Aucliar, Claude Nollier e Jean Debucourt em brilhante creações.

★

Maria Felix, a estrêla mexicana considerada como uma das mais belas mulheres do mundo, encontra-se atualmente na Itália, onde deverá iniciar breve a rodagem de um filme.

★

«Quebec» um novo tecnicolor da Paramount, reune em seu elenco os nomes de John Barrymore Junior, filho do saudoso John Barrymore, Corine Calvet, a infernal sereia francesa e Bárbara Rush, um «new-face» de talento.

★

Dianna Lynn e Spencer Tracy transportaram-se recentemente para Nova York, a fim de serem tomadas algumas cenas de «The Peolpe Against O'Hara», película da Mestro Godwyn Mayer, da qual Spencer Tracy é o astro principal.

★

Carla Balenda, uma novata que dizem ser espetáculo, vem aí em «O Corsário Maldito» (The Gaunt Woman) da RKO, que conta também com a presença de Dana Andrews e Claude Rains.

★

Viviane Romance, a tanto tempo ausente das telas brasileiras, será brevemente vista em «Maya, a desejavel», ao lado do talentoso Marcel Dálio.

★

Lewis Cotlow, o produtor de «Esplendor Selvagem», apresentará breve «Amazonia Indomavel», filmada em magnífico tecnicolor, nas cabeceiras do Amazonas, nas selvas brasileiras, nas terras dos caçadores de cabeça e na tribu dos ferozes Jevero.



Susan Hayward será brevemente vista em «David and Bathsheba» ao lado de Gregory Peck. Na foto acima, vemos Susan posando na frente de uma pintura reproduzindo a Bíblia de Gutemberg, impressa em 1450 Em baixo, Piper Laurie um broto novo é vista aqui com Scotty Becket numa cena de «Louise», da Universal.



Loretta Young, parece estar admirada ao descobrir no espelho o seu «walter ego». «Serei realmente assim?» parece perguntar. Loretta vem aí em «Hale Angel», um tecnicolor da Fox.



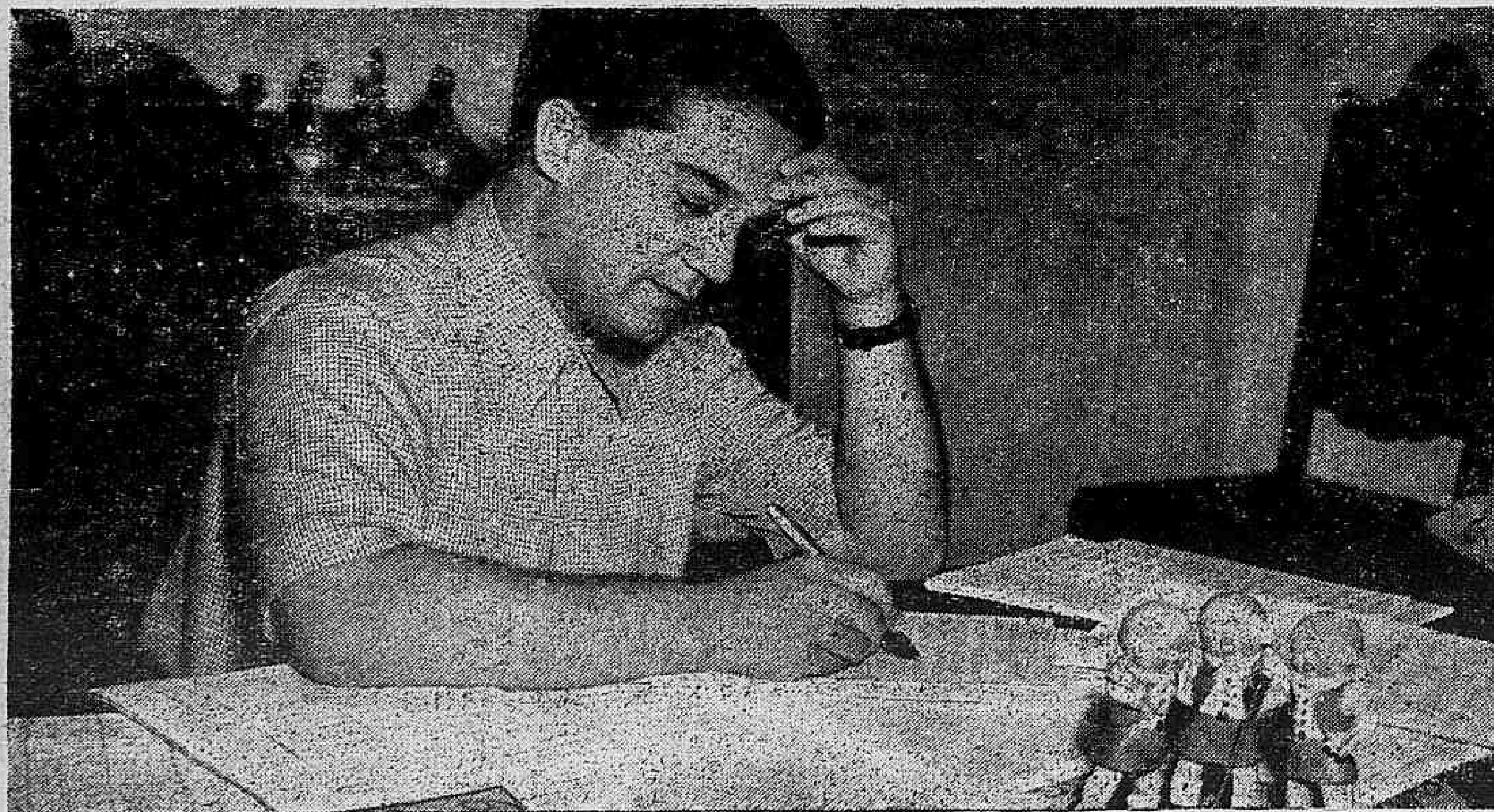


Nunca dispensa a boa leitura. A CENA e a REVISTA DA SEMANA são as suas favoritas.

PORTUGAL PERDEU UM ENGENHEIRO

MAS O MUNDO GANHOU UM CANTOR ★ A HISTÓRIA SIMPLES DE UM RAPAZ LISBOETA ★ VIVER PARA CANTAR E NÃO CANTAR PARA VIVER ★ O CANTOR MAIS QUERIDO DE PORTUGAL EM VISITA AO EL DORADO.

Reportagem de MAX GOLD Fotos de NODGI



Seguindo o bom exemplo. Inspirando-se numa estatueta que representa as Irmãs Meireles, José Antônio prepara seu repertório...

SE falarmos em José Ferreira Teixeira, pouca gente talvez saiba de quem se trata. Entretanto se falarmos em José Antônio, o mistério se terá aclarado, pois se recordarão por certo do jovem cantor que recentemente terminou uma temporada de grande sucessos ao microfone da estação lider do Rio, quiçá do Brasil, a Rádio Nacional.

José Antônio nasceu em Lisboa, a capital desta terra de que tanto nos orgulhamos de descender, Portugal.

Teve uma infância normal e nada de agitado lhe aconteceu durante a adolescência. Filho de uma distinta família lisboeta, seguiu sempre os sábios conselhos dos mais velhos e estudou muito. Aprendeu vários idiomas que mais tarde lhe seriam muito úteis.

A vida seguia seu curso normal e o menino José Ferreira Teixeira, transformado em rapaz terminou seu curso secundário e ingressou no ensino superior. Resolveu escolher como carreira a

engenharia e ia fazendo brilhante curso.

Mas, foi aí, que o micróbio da arte, durante longo tempo incubado resolveu mostrar as suas garras. E de repente o rapaz se viu empolgado pelo bel-canto que diga-se de passagem, já praticava há muito tempo, mas sempre como amador. Nesta altura José Antônio cursava o terceiro ano de engenharia, quando resolveu abandonar tudo para se dedicar à arte que êle sentia brotar em seu peito. Nada adiantaram os rogos e os sábios conselhos, pois o rapaz já estava com uma idéia fixa e ninguém conseguia tirá-la de sua cabeça de sentimental.

E assim Portugal perdeu um engenheiro e ganhou mais um grande artista.

Sua carreira artística não foi nenhum leito de rosas e muito teve êle que lutar para chegar próximo ao fim almejado.

Mas aos poucos o seu nome começou a projetar-se no cenário artístico da velha terra de nossos avós e êle começou à ter alguma satisfação na carreira, que a princípio era apenas de sacrifícios. Já podia lamentar menos a deserção à carreira de engenheiro e tirar alguns proventos de seu trabalho.

Dedicou-se ao rádio e finalmente em 1950 aos 29 anos de idade, José Antônio, era aclamado em concurso livre como o cantor mais querido de Portugal, 1º prêmio de popularidade, no concurso organizado em Portugal pela revista «Rádio Nacional».

Nesta altura seu cartaz estava feito, atuou diversas vêzes em óperas nacionais e estrangeiras e em concertos que lhe deram fama.

Ainda no ano de 1950, resolveu José Antônio vir ao Brasil, o El-Dorado dos cantores portuguêses e ver como era a coisa.

Chegou, viu, gostou e aqui permanece até hoje, tendo inclusive já tirado sua carteira modêlo 19, pois pretende demorar-se aqui bastante para demonstrar ao Brasil que em Portugal cultiva-se a música moderna sem perder as características nacionais, acompanhando o progresso e desfazendo a lenda de que só no fado residia o valor musical da extraordinária raça lusitana.

A vinda de José Antônio ao Brasil deve-se aos insistentes chamados que há tempos lhe vinha fazendo o seu amigo José Meireles, pai das famosas Irmãs Meireles. José Antônio entretanto ia sempre protelando a sua vinda, por diversas razões, tais como contratos anteriormente assinados e receio de se afastar de sua família e principalmente de sua noiva. Não se tratava de mêdo de viajar, mas sim receio de sentir muitas saudades e desta forma estragar sua temporada fazendo-a de curta duração.

As saudades têm sido grandes, segundo disse-nos êle, mas têm sido suportáveis, e além disso é preciso pensar na carreira. «Nem só de amor vive o homem» — diz aquêle velho provérbio.

O cantor português chegou ao Brasil na pior época do ano, meiados de dezembro praticamente com o Carnaval à vista. Apesar disso sua temporada na Rádio Gazeta foi um êxito tão grande que quis prolongá-la logo depois do Carnaval. Ma, aí, entraram em cena interesses opostos, pois êle já havia firmado contrato para uma temporada no Rio, na Rádio Nacional.

Entretanto logo que terminou sua temporada na Nacional, depois de um pulo à Curitiba, êle voltou

(Cont. na pág. 28)



Os mais queridos, de Portugal e do Brasil. Dalva de Oliveira e José Antônio

inauguram uma casa de discos em São Paulo...



Um novo trio Meireles? Nada disso, apenas êle gosta de boa companhia...



Ao microfone êle é assim... Compenetrado e atento ao maestro...

Linda Stirling, a rainha dos filmes seriados



Linda Stirling, considerada «rainha dos filmes seriados», possui grande popularidade no México, cidade onde os seriados são exibidos todos de uma vez e não um episódio por semana. Devido a uma grande quantidade de seus «fans» pertencerem à América Latina e porque pretende figurar numa pelícla mexicana, ela estuda afincadamente o castelhano. Aqui vemos Miss Stirling respondendo a sua vasta correspondência de fans, num quarto tipicamente mexicano que foi pintado e decorado por ela própria.

Tem sido o destino de muitas garôtas que nascem e crescem nas vizinhanças dos estúdios cinematográficos de Hollywood, — sem haver nunca penetrado num dêles —, ao mudarem-se para longe dessa cidade ser notadas pelos agentes e contratadas para atuar no «écran», confirmando assim o adágio que diz que «santo de casa não faz milagre»... Linda Stirlingo entretanto, é uma exceção, pois, sendo californiana, logrou vencer dentro do seu próprio Estado.

Ela é natural da cidade de Long Beach, na California, onde seu pai possuia uma casa de móveis e decorações. Ali cursou ela a escola primária, a secundária e depois, apesar das objeções paternas, uma escola dramática. Seus progenitores só consentiram numa carreira artística quando viram a persistência de Linda, que gastava todo o dinheiro da mesada que êstes lhe davam, em lições de arte dramática.

Miss Stirling começou muito cêdo a pensar no teatro; desde a sua primeira lição no curso infantil de dansa. Alguns anos depois, quando já fazia parte do «ballett» juvenil, confiaram-lhe o principal papel num bailado e ela não teve mais dúvidas sôbre a carreira que deveria seguir. Estudou dansa afincadamente durante dez anos e nesse tempo sonhava em ser também cantora.

Terminando os estudos, a primeira apresentação de Linda, no palco, foi com um grupo de artistas amadores. Sabedora, entretanto, que Hollywood estava cheia de jovens ambiciosas e inexperientes como ela e que os estúdios não se interessavam pelas mesmas, ela resolveu ser modêlo profissional para ver suas fotografias nas capas de revistas se despertavam a atenção dos «caçadores de talentos».

Devido a côr avermelhada dos seus cabelos, formando original contraste com um par de olhos verdes, a sua figura alta e esbelta, ao seu corpo perfeito e a incontestavel beleza do seu rosto, Linda tornou-se logo um dos modelos favoritos de Adrian e desfilou ostentando as maravilhosas creaçes dos principais desenhistas de modas norte-americanos.

Como ela já esperava, começou então como modêlo, a despertar a atenção dos chefes dos estúdios, conseguindo obter o seu primeiro contrato com a Republic, que a lançou imediatamente como estrêla.

Desde a sua «descoberta» Linda tem feito inúmeras películas, destacando-se «Obsessão Trágica», «O Informante Invisível», «Chantagista Misterioso», figurou em

(Cont. na pág. 28)



Uma pintura a óleo de Linda Stirling, adorna a parede do «living room» do seu apartamento situado em Nort Hollywood. Êsse quadro apareceu no filme «Obsessão Trágica».



Agora, no seu «boudoir», Linda manicura as suas unhas. Ela não gosta de usar esmaltes berrantes nem de unhas muito compridas.



A ruiva Linda Stirling não poderia obter nunca, num concurso canino, prêmios com os seus cachorros, pois êstes não passam de uns autênticos... «vira-latas». Porém ela os considera os cães mais espertos do mundo. Ei-los juntos na cozinha de sua residência, isto é: Linda, Balckie e Butch.



Conservar-se forte e sadia é muito importante para uma estrêla cinematográfica, principalmente se ela enfrenta os rigores de ser uma rainha de seriados, como é o caso de Linda Stirling, que precisa tomar, diàriamente, meio litro de leite a fim de manter-se em forma. Seu próximo filme é o seriado «A Volta de Jesse James», da Republic.



No consultório de Carlos, Ângela oferece-lhe um símbolo de espiritualidade.

DENTRO DA VIDA

AMBIENTE agitado na Faculdade Fluminense de Medicina. Os doutorandos não dominam a sua anciedade quando surge o velho professor (Antônio Pagé), a fim de fornecer o resultado do concurso de teses. Particularmente Carlos (Paulo Renato), não domina o seu nervosismo. O professor lê o resultado: vencera Eduardo, um jovem rico e feliz (Hemílcio Fróes), que se fazia acompanhar da sua noiva, Marta (Dayse Lucidi). Os companheiros rodeiam o vitorioso e o levam ao pátio, a fim de festejar o acontecimento. Exaltado, Carlos protesta contra o resultado. Havia sido um caso de simples proteção. Leva a sua revolta até à presença de Eduardo que, ríspido, reage e o agride intempestivamente. Prostado no chão, Carlos agita-se e, com enorme surprêsa dos companheiros, tem um ataque de epilepsia. Até então, jámais a sua moléstia era conhecida e o fato causou geral consternação na Faculdade. Marta recrimina severamente o noivo, chocada com a sua violenta atitude, e é imediatamente tomada de piedade pelo jovem agredido.

Assim, de um simples incidente, originam-se tôdas as ocorrências de um forte drama, tal qual ocorre na vida que passa.

Carlos desfrutava da afeição de uma vizinha, e professôra, jovem, meiga e dotada de grandes qualidades de espírito, Ângela (Beatriz Con-



Carlos deixou-se vencer por seus sensualistas impulsos procurando vencer a resistência de Marta

E L E N C O :

BEATRIZ CONSUELO	Ângela
PAULO RENATO	Carlos
HEMÍLCIO FRÓES	Renato
DAISY LUCIDI	Marta
RENÉE BELL	Olga
LAURA BOTELHO	Alice
PAGÉ DE CARVALHO	O professor

História de Lyad de Almeida — Adaptação, cenarização e direção de Jonald.

RESUMO DO FILME



Marta, uma criatura vulgar e fraca, ligada ao materialista amor de Eduardo.

suêlo). Precisamente por isso, e por saber incurável o seu mal, Carlos renuncia ao amor de Ângela que, entretanto, resolve lutar a fim de manter o idílio que desfrutavam. Porém, envolto no desejo de vingar-se do seu colega Eduardo, bem como envolto nos complexos criados pelos estudos que passou a fazer sôbre a epilepsia. Carlos, de índole nata violenta, declina moralmente.

Por outro lado, Marta é invadida de forte sentimento de piedade pelo doente que, além do mais, é muito pobre. Desinteressadamente, desperta em Eduardo o complexo de culpa. Pouco antes do seu casamento com o mesmo, ao visitar o seu luxuoso consultório, obtém de Eduardo a promessa de convidar Carlos a fim de clinicarem juntos. Carlos, apesar dos repetidos conselhos de Ângela — que jamais deixou de ampará-lo, termina concordando em trabalhar com o seu agressor. No entanto, apenas um desejo secreto o movia — aguardar uma oportunidade qualquer para vingar-se!

Passam-se os tempos. Eduardo e Marta estão casados há dois meses e oferecem um «cocktail» em sua casa. Carlos, seguindo o destino, vislumbra um motivo para tentar a vingança. Apoiado no auxílio que Marta lhe trouxera, procura conquistá-la na festa, sendo, entretanto, delicadamente repelido. Porém, mais adiante, em uma certa tarde, após uma atenciosa visita que Ângela lhe fez ao consultório, uma segunda oportunidade surgiu, imprevistamente.

Marta adoecera e Eduardo não havia comparecido — conforme geralmente sucedia — ao consultório. Carlos aproveitou o fato e foi então, rápido, à casa do colega e em meio da palestra declarou-se a espôsa de Eduardo. A reação de Marta foi violenta, porquanto o esbofeteou com violência. Carlos regressou desalentado à sua modesta residência, situada bem próxima de velho cáis abandonado. Ângela foi surpreendê-lo em profunda angústia. Êle pediu que a jovem não indagasse dos motivos do seu acabrunhamento. E, novamente, fez ver à mesma que o seu íntimo estava irremediavelmente perdido. De nada adiantaria aquêle alto apôio espiritual que ela, desprendidamente, desenvolvia em seu favor. E Carlos comparou o próprio ambiente em que estavam ao seu destino: havia um barco minado que, insidiosamente buscava o fundo das águas. E, ao redor do mesmo, sòmente pairava a desolação: cascos de navios abandonados, ferros velhos e um pântano formado pela queda da maré. E foi ainda Ângela, embora desconhecendo as razões que, mais uma vez, o fez retornar para o sentido do bem.

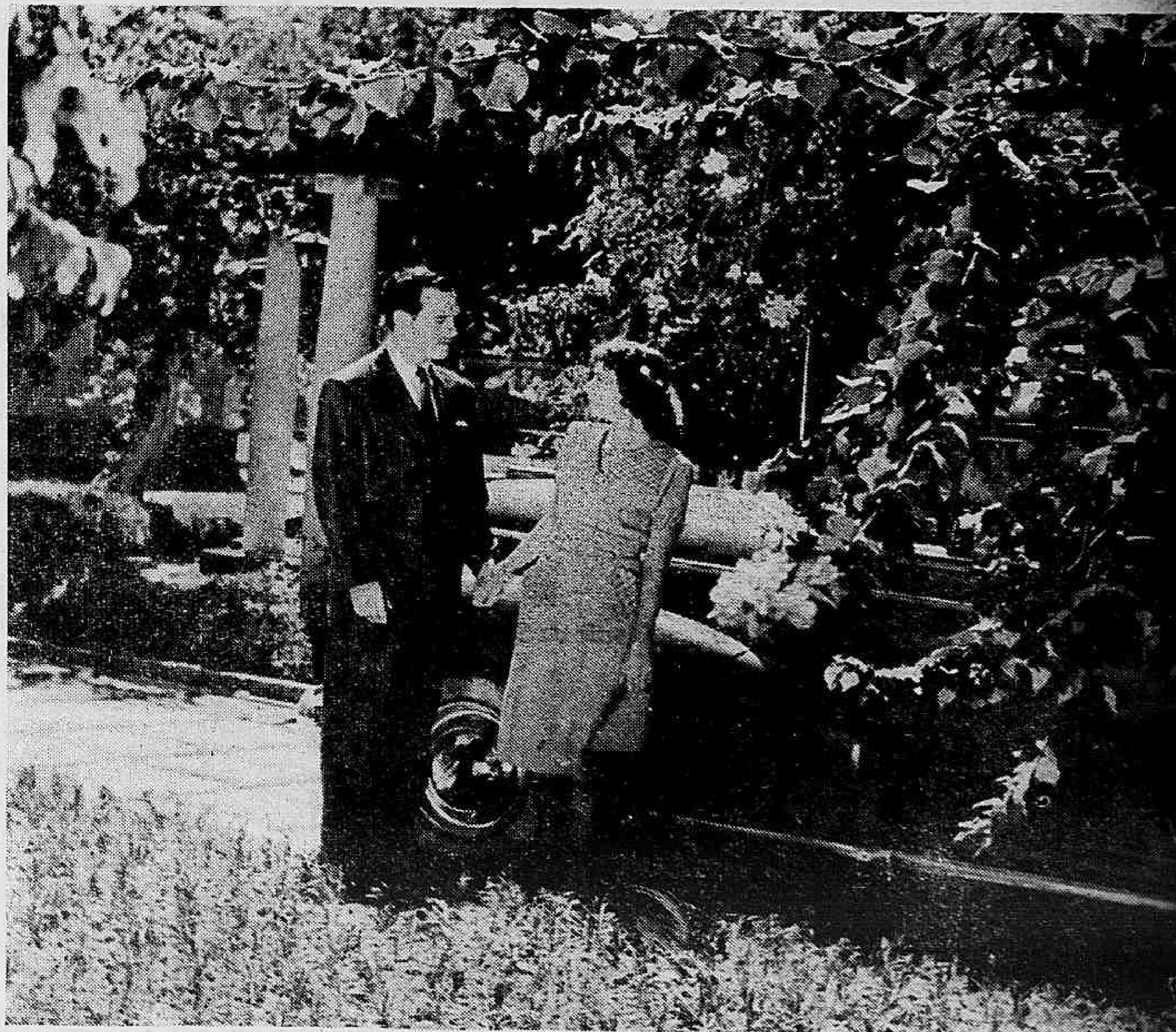
Apesar de todo êste imenso apôio, Carlos não esquecia o desejo de vingança. A nova oportunidade surgiu, baseada no fato de ter deixado de comparecer ao consultório, após a agressão de que fôra vítima de Marta. Porém esta, que nada contara ao marido, ficou penalizada com a sua própria e brusca reação. Com o intúito de fazer com que Carlos retornasse à clínica, consegue com a enfermeira do consultório, que o mesmo compareça imprevistamente ao consultório. Quando chega, Carlos tem grande surprêsa com a presença de Marta. Esclarece em rápidas palavras, que Eduardo estaria ausente tôda a tarde, e logo após que ela regressasse a casa, iria novamente à sua presença, no mesmo local que havia sido esbofetado. Marta fica novamente indignada com a audácia de Carlos mas, ao deixar o consultório, tem um ligeiro tremor de fraqueza no olhar. Carlos percebeu e, assim, cumpriu a sua promessa. Meia hora depois foi à residência de Eduardo e, apesar do apenas aparente protesto de Marta, tomou-a nos braços, aproveitando-se da sua momentânea fraqueza e dando vasão aos seus recalcados instintos.

Tornaram-se amantes e o segrêdo foi mantido durante muito tempo. Ângela apenas notava uma radical transformação no íntimo de Carlos que passou a irradiar uma falsa alegria. Desta maneira, estavam cada vez mais separados. Ainda assim, não desanimava Ângela em reconquistar o seu antigo amor certa de que, independente do fator moléstia, retornaria o seu antigo estado de espírito. E, em tôdas as suas desditas, era acompanhada com a amizade e de-

(Cont. na pág. 30)



No velho cáis abandonado, Ângela surgia sob a forma de mensagem.



Casados, Marta e Eduardo regressam da lua de mel.

XVII

JOSÉ AMÁDIO

Seu verdadeiro nome é José Amádio.

Tem usado, na vida jornalística, muitos pseudônimos, que os leitores pensam tratar-se do nome verdadeiro...

Nasceu em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, a 10 de agôsto de 1923.

Nunca estudou em colégio de padres, o que o deixa satisfeito...

Interrompeu os estudos de Direito quando concluiu que, em casa, lendo seus autores prediletos, ganharia muito mais...

Teve uma infância agitada e exerceu doze profissões antes de ingressar no jornalismo.

Há sete anos, em Pôrto Alegre, começou na "Revista do Globo" como auxiliar de redação.

Dois anos depois tinha muito cartaz como repórter, principalmente devido a uma série de reportagens que fêz subordinadas ao título: "Tipos que a gente encontra".

Na referida "Revista do Globo" foi simultâneamente: redator, paginador, comentarista oficial (editor), fazendo as seções de cinema, modas, traduções do inglês, francês, espanhol, etc.

Ainda na dita revista era encarregado de um "consultório sentimental", provàvelmente o maior castigo para um jornalista que se preza.

Sempre gostou de cinema, tendo fundado em Pôrto Alegre, juntamente com P. F. Gatal, o primeiro Clube de Cinema do Sul.

Na "Revista do Globo" era ainda encarregado de escolher as "moças da capa" (cover girl) o que lhe deu grande prestígio entre as garôtas, é claro...

E' atualmente assistente do diretor de "O Cruzeiro", cargo correspondente ao de secretário, onde, diz o próprio Amádio, consome as horas mais preciosas de sua existência... (E, pergunto eu, aquelas morenas da praia de Copacabana, aos domingos, nada significam?).

Por saudosismo, de vez em quando escreve uma reportagem...

Se tivesse muito dinheiro não trabalharia.

Acredita que apenas os funcionários públicos morrem de tédio quando se aposentam. Gostaria de ser o maior "faz nada" do mundo...

Ganha um fabuloso salário em "O Cruzeiro" e considera a redação interessantíssima, sob o ponto-de-vista humano, principalmente por causa da fauna...

E' crítico cinematográfico de "O Cruzeiro", também, o que faz com que receba cartas desaforadas dos fãs de John Lund, Turhan Bey, Yvonne de Carlo, que, naturalmente, não concordam com a opinião dêle...

Há quem diga que êle implica com o cinema americano, o que não é verdade: implica com os maus filmes americanos, que são quase todos, atualmente. Implica, igualmente, com os maus filmes de quaisquer outras procedências...

Ouve música pelo menos duas horas por dia, mesmo quando escreve. Compositor preferido: Igor Stravinsky. Conhece "Petrouchka" nota por nota, acorde por acorde. Ouve também muito Debussy, Ravel, Satie, Schoenberg e Richard Strauss. Considera o "Quarteto em Fá Menor" de Debussy uma das mais



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

Diretores preferidos: Sergio Eisenstein (Ai-zens-táin), Marcel Carné, William Wyler, Orson Welles, Henry Hathaway, Jules Dassin, John Ford, Joseph L. Mankiewicz (*c+z* e não *h*), e Lulu de Barros.

Filmoteca escolhida: "Boulevard do Crime", "Um carnet de baile", "Punhos de Campeão", "Tesouro de Sierra Madre", "Um Punhado de Bravos", "Em cada coração um pecado" e "Monsieur Verdoux".

altas expressões musicais de todos os tempos. Também gosta de música norte-americana e é fã de baião...

Já leu muito na mocidade recente... Autores prediletos: F. Nietszche, Rilke, Saint Exupery, Kafka, Dostoievsqui, Jacob Wassermann, Roger Martin Du Gard, Thomas Mann, Balzac. Detesta Lyn Yutang.

Uma das novelas que considera mais deliciosas, das que leu, foi "Ciúme", de Renée Albert Guzman. Lê também, sempre que pode, o célebre "Almanaque do Biotônico Fontoura" e, portanto, o Jeca Tatu.

Pintura: Van Gogh e El Greco, passando por Gauguin e Manet, numa mistura que só êle mesmo entende.

Reside em Copacabana.

Costuma dar festas mais ou menos existencialistas onde não existe cabotinismo e todo mundo fica à vontade.

Vai sempre à praia pois gosta muito de sol e mar...

Faz ginástica com professor particular e tem noções de jiu-jitsu.

Fuma muito e bebe uísque com certa naturalidade.

Tem noites movimentadas e por isso está com dez anos de sono atrasado...

Só gosta de anedotas rápidas, sucintas, tipo "teatro corisco".

Detesta programas de rádio e só tolera a Rádio Ministério de Educação, com restrições...

Considera os motoristas cariocas débeis mentais em sua grande maioria (quem não os considera, ZÉ?).

Toma vinte cafèzinhos por dia.

Gosta de cães, sem pulgas...

Vive perdendo coisas e acha-se pessoalmente desorganizado...

Joga peteca: *parou* com o futebol, depois da Copa do Mundo...

Acha corrida de cavalos o troço mais insípido do mundo.

Seu maior recalque é não saber tocar gaitinha de bôca...

Detesta citações latinas.

Inventou de tirar um curso de pára-quedismo mas desistiu na primeira aula.

Não freqüenta rodinhas de intedectuais... Jamais vai ao Vermelhinho ou ao Amarelinho e considera essa uma vantagem das poucas...

Raramente faz visitas.

Detesta: gente resfriada, barbeiros, falso patriotismo (ufanismo...).

Tem 1,77 m de altura e pesa 74 quilos.

Gosta de passear de automóvel e está sempre descobrindo coisas novas no Rio. i. e., Copacabana: nunca vai ao centro da cidade.

Sócio fundador e ex-vice-presidente do "Círculo de Estudos Cinematográficos"; arrepende-se de ambas as coisas...

Admira Oscar Niemeyer, Cândido Portinari e Heitor Vila-Lôbos.

Implica com os estrábicos: nem o seu médico psicanalista conseguiu descobrir a razão...

Não disse se era contra ou a favor da bomba atômica.

(Cont. na pág. 28)

POR UM AMOR

"DE TÔDAS AS PALAVRAS DE QUATRO LETRAS, "ÓDIO" É A PIOR. E JOHNNY MONTEREZ ODIAVA TODOS OS "GRINGOS" DO MUNDO.

ALLAN Goff disse suavemente: — Está bem, Johnny. Se você mudar de idéia... — êle se afastou com passos largos e seguros, com a paciência de uma aranha à espera de uma môsca em sua teia.

Johnny Monterez sorriu, fechando a porta, e abriu e fechou a mão, examinando a gase amarrada nas mãos. Um espelho refletiu um rapaz alto, moreno e forte, com os músculos sobressaindo através da pele bronzeada. Um deus grego, alguma mulher dissera certa vez, ao lado do ring. Johnny sorriu com êsse pensamento. Por que não um deus mexicano? Johnny Monterez, o deus mexicano. Johnny Monterez, Campeão!

Êle olhou para o campo de treinamento através da janela. Tripp, o seu gerente de lutas; Gump, o seu segundo mexicano; os repórteres; os "sparrings partners". Todos ali dependendo de Johnny Monterez, ali reunidos por causa dêle. Nada mal para um faminto garôto de Los Angeles que já sabia evitar pedradas muito antes de aprender a falar. Um conversível parou, dêle saindo Pat O'Malley, com um sorriso iluminando-lhe o rosto:

— Olá, pessoal! — o sorriso desapareceu. — E Mr. Goff? — ela entrou arrebatadamente em casa, caindo nos braços de Johnny.

— Bom-dia — disse Johnny gravemente, beijando-a delicadamente. Os dois saíram juntos, passando pelos repórteres, por Allan Goff e Pat retorceu o narizinho.

— Êste lugar é muito próximo de Times Square. Você tem uma péssima classe de "perus" Que quer êle?

— Allan Goff? O mesmo de costume... quer que eu quebre o contrato com o seu pai e assine um novo com êle. Diz que Sean O'Malley está fracassado como promotor de lutas. Preocupada?

— Petrificada... — sorriu Pat. — Sean em uma cadeira de rodas com o coração arruinado é dez vêzes mais promotor de lutas do que Goff jamais o será.

Johnny subiu ao ring, entrando por cima das cordas. Enquanto Gump amarrava as suas luvas, êle se inclinou:

— Gosto do modo como você diz bom-dia.

Pat retorceu o narizinho.

Johnny o seu próprio sangue de mexicano e, por isto, até a mulher perdeu...

— Tente lembrar-se disso da próxima vez em que se zangar comigo. Você e o seu gênio.

— Sabe de uma coisa? Eu peço perdão. Eu peço perdão. Eu peço perdão. Isto é pagamento adiantado para as três próximas vêzes em que eu resvalar.

Tripp o interrompeu, colocando a borracha em sua bôca. No momento seguinte Johnny estava de pé, dançando na ponta dos dedos, o sol batendo suavemente em suas costas e os músculos se relaxavam como sêda.

— Você está favorecendo a direita. Amole-a agora. Faça-o trabalhar, Marty.

Johnny dançou em tôrno de Marty, o seu "sparring partner", desfechando-lhe golpe curtos com a esquerda. Quando notou que o oponente começava a enfraquecer, desferiu-lhe um murro de direita — aquela direita que os jornais chamavam de "assassina", "Homicídio, Cia. Ltda.". Neste instante, Marty desviou o corpo.

A direita explodiu no alto da cabeça de Marty. A agonia que Johnny sentiu foi como um relâmpago, correndo velozmente através de seu braço e parando bruscamente na bôca de seu estômago. Êle mordeu a borracha na bôca e foi como se mastigasse um grito de pura agonia



que ameaçava sair de sua bôca. Os outros já estavam no tablado, ao seu lado, segurando-o e xingando o "sparring partner".

— Chame o Dr. Esmond. Rápido — gritou Tripp.

Pat estava segurando a mão trêmula de Johnny.

— Dói?

— Dói, sim — gemeu Johnny. — Encontre Rick. Certifique-se de que êle vai fazer o trabalho para o seu jornal — o primeiro pensamento de Johnny era para Rick, o repórter que era o seu melhor amigo e o único "gringo" em quem êle confiava.

★

Depois do exame de raios X, houve longa espera e, finalmente, o dr. Esmond disse estranhamente grave:

— Foi apenas machucada e não quebrada. Terá de mantê-la enfaixada por uma semana ou uns dez dias. Mas êle ainda terá tempo para treinar para a luta com Heldon, não terá?

— Heldon? — sorriu Marty. — Aquilo é conversa fiada.

— Dê o fora — disse Johnny, olhando para o dr. Esmond. — Vá dizer aos repórteres que estou bem — quando a porta foi fechada êle disse quietamente: — O senhor está escondendo algo, doutor. Qual é a história completa?

O dr. Esmond tocou um fichário aberto.

— Dezoito meses já faz desde que examinei aquela mão, Johnny. Quantas lutas teve você nesse período? Doze? Quatorze? Houve considerável dano. Até mesmo a estrutura óssea está modificada, Johnny. Você tem de terminar êste treinamento com luvas leves, limite as suas lutas, preste bastante atenção às ataduras, cuide bem de suas mãos — e elas talvez durem tanto quanto as suas pernas.

— Ou talvez não — retrucou Johnny. — E eu que sempre pensei que só perderia uma luta se alguém pusesse um polegar em meus olhos.

— Esta mão poderia ir-se a qualquer tempo — disse o doutor, com um gesto desconsolado. — Não são essas as notícias que eu lhe gostaria de dar, mas... felizmente você é bastante forte ao enfrentar o assunto. Talvez com sorte...

— Sorte é sòmente para "gringos" — disse Johnny àsperamente. — Não sou forte. Tenho mêdo que não é brincadeira. Sòmente aprendi há muito tempo atrás a fazer o mêdo trabalhar para mim ao invés de contra mim.

Do lado de fora, êle ouviu a voz de Pat.

— Que há com você, Rick? De seis em seis dias você sai e se embriaga porque alguma "dona" não gosta de você. Com tantas mulheres apaixonadas por você, sempre escolhe aquelas que não pode arranjar. Se Haggerty e os "tiras" não foram tão delicados com você...

— E' psicanalítico — respondeu Rick. — Quando eu tinha três anos de idade o meu pai era mais alto do que eu. Nunca me conformei com isso — êle olhou para dentro. — Que sujeito! Passo um dia sem dar as caras e zás... lá vai você.

Johnny sorriu em resposta, sentindo desaparecer o vácuo que estava dentro de si, afugentando o feio espectro do mêdo.

— Você deveria estar por perto quando estou tentando, pois estou convencido de que é a minha sorte.

Êle brincou com Rick e Pat no caminho de volta ao campo de treinamento, mas, depois, procurou o seu lugar favorito para meditação. Uma carruagem quebrada atrás do celeiro. Estava sentado ali, prêsa de seus medos e complexos, quando parou o conversível em sua frente. Tentou livrar-se dos complexos ao beijar Pat e Rick comentava:

— Você sabe que às vêzes isso pode levar o sujeito à delinqüência juvenil.

Pat sorriu.

— Como vai a mão? Mantenha-a na tipóia dêsse jeito e poderá aposentar-se como campeão invicto. Eu acho horrível a idéia de ter de procurar outro rapaz com duas boas mãos.

As casuais palavras penetraram em Johnny e reabriram as feridas de mêdo do jovem lutador. Êle retrucou àsperamente:

— Você podia... até mesmo ser uma diplomada de Harvard.

Os olhos de Pat se arregalaram.

Mas um dia Johnny perdeu o título e descobriu o «segrêdo» da mão.



Título original:

RIGHT CROSS

Johnny Monterez .. **Ricardo Montalban**
Pat O'Malley ...... **June Allyson**
Rirck Gavery ...... **Dick Powell**
Sean O'Malley ..... **Lionel Barrymore**
Marina Monterez .. Teresa Celli
Mamãe Monterez ... Mimi Aguglia
Allan Goff .... Barry Kelley
Tom Balford .... Tom Powers
Phil Tripp .... Courtland She
Al Heldon .... Courtland Shepard
Dr. Esmond .... Frank Ferguson
Um filme da Metro-Goldwyn-Mayer — Direção de John Sturges — Produção de Armand Deutsch — Cenário de Charles Schnee.



De tôdas as palavras de quatro letras, ódio é a pior.



Rick era o único gringo em quem Johny confiava

— Talvez até mesmo uma pessoa de boas-maneiras. Que significa esta história de ser diplomada de Harvard?

— Ah... — suspirou Johnny. — Você estava tentando aborrecer-me.

— Oh! — gritou Pat raivosamente. — Eu ando vinte-e-cinco milhas para Nova York, a fim de saber como você está e vinte-e-cinco milhas de volta e você ainda diz que o estou aborrecendo.

— Obrigado pelas vinte-e-cinco milhas — disse Johnny entre-dentes. — Obrigado pelas cinqüenta milhas.

Ela fêz uma curva e o conversível saiu voando do campo. Rick disse:

— A minha pergunta, amigo, é sôbre o transporte. Em Nova York eu sou muito bem sucedido com táxis e "subways", mas aqui na "roça"...

— Cale-se — gritou àsperamente Johnny. — Mando Nassau levar-lhe de volta. São apenas vinte-e-cinco milhas para qualquer lado.

— Alegro-me em saber que você é um perito em questões de distância — resmungou Rick. — Pessoalmente, não tenho êste talento... Eu gostava muito de cachorros e já fui proprietário de dois vira-latas... Quando os dois brigavam, um se amuava num canto e o outro vinha para mim, para que eu lhe coçasse as orelhas..

Johnny olhou para a face calma de Rick e a sua raiva desapareceu. Sorriu puerilmente e então disse:

— Okay! Então coce minhas orelhas.

Rick obedeceu cegamente, até que Johnny se desviou.

— Sèriamente, a sua mão está okay? Pensei, pelo modo como você tratou Pat...

— Dez dias — retrucou Johnny. — Você ouviu o que o doutor disse, e a primeira vez que eu a usar, será contra aquêle estúpido "gringo" Marty.



Mas não lhe contou o «segrêdo» de sua mão.

— Novamente aquilo? — gemeu Rick. — A conspiração de um "gringo". Êle fêz "pontaria" com a cabeça e lhe machucou a mão. Como choro pelo pobre Johnny. Tudo o que êle tem no mundo é uma garôta apaixonadíssima, um campeonato e rodos de dinheiro...

— E se eu não fôsse um campeão? — perguntou àsperamente Johnny. — Um lutador de quinta classe com os miolos quase saindo da cabeça? Quarenta mil lutadores pisaram nos tablados nos últimos quarenta anos e seis dêles se aposentaram com dinheiro...

— Para um sujeito que teve tantas oportunidades como você, é de estranhar que uma pequena adversidade o faça tão revoltado contra você mesmo. O mundo contra Johnny Monterez.

— Pedro — suspirou Johnny. Êle estava usando o seu apelido doméstico. — Algum dia você dirá o que não deve e eu quebrarei a minha mão em sua cara, mas de um jeito tal...

Êle despenteou o cabelo de Rick.

— Pare na casa de Pat para mim e veja como está ela, okay? Aqui vem o meu advogado e tudo o que ouvir publicará.

★

O que Johnny tinha a discutir com o advogado era simples. Rescindir o seu contrato com Sean O'Malley e assinar um novo com Goff. Êle era o último lutador do velho Sean e se perdesse o cetro, o velho também o acompanharia na derrocada. Talvez êle caísse, mas a reputação do velho Sean continuaria intacta, e êle poderia continuar em sua cadeira de rodas, feliz, lembrando-se das conquistas do passado...

Aquela noite Johnny Monterez dirigiu-se à cidade, ou melhor, para o Hoop's Bar, o local de encontros dos repórteres e o escritório não-oficial de Rick, que se encontrava numa cabine, descrevendo as maravilhas de sua arte em cozinhar spaghetti para uma pequena adorável; êle soergueu os olhos quando Johnny se inclinou na mesa.

— Por quê você não treina em Buffalo ao invés de logo ali do outro lado da ponte?

Johnny sorriu:

— Vou ver mamãe. Não quero que ela leia sôbre a minha mão e se preocupe. Pensei que talvez você...

— Talvez gostasse de o acompanhar — disse Rick, levantando-se e acariciando a face da garôta. — Creio que isso é ultra-sentimental de minha parte, mas nos encontraremos novamente em algum lugar.

Mamãe se alegrou ao vê-los e numa verdadeira avalanche de espanhol, abraçou Johnny e Rick e se lamentou pelo acidente sofrido por Johnny. A irmã do lutador, Marina, enrubesceu orgulhosamente quando Rick anunciou:

— Marina, você fica mais "bacana" cada dia que passa.

Uma vez explicado o pequeno acidente que Johnny sofrera com a mão, mamãe nem ao menos se preocupou.

— Puh! Você luta melhor com uma mão do que qualquer outro homem com duas ou três...

★

No dia seguinte, Balford telefonou para avisar a Johnny que Goff estaria com tôda a certeza no (Cont. na pág. 22)

VOCÊ SABE QUEM É "DALILA"?

De THOMAS KEENE

HOLLYWOOD — Hedy Lamarr, (a famosa "Dalila"), é uma das "estrêlas" mais conhecidas do cinema moderno. Quase não existe uma revista que dela não fale, ou que não tenha já publicado o seu retrato uma ou muitas vêzes. Entretanto, apesar dessa sua popularidade, ela é uma das mulheres menos conhecidas e mais misteriosas de Hollywood.

Quem é Hedy Lamarr? Como vive? Que diz? Que tem?

Antes de mais nada, seu nome (porque é seu mesmo...) é sinônimo de beleza, de "a mulher mais bela de 1949".

A resposta às anteriores perguntas, e a outras que se poderiam formular pelo estilo, acham-se resumidas aqui:

Hedy gosta de ver suas unhas cuidadas e pintadas com esmero. Para ela, os olhos são a parte mais interessante, e por isso mesmo mais importante do rosto feminino, (coisa muito natural, pois é o que ela tem de mais sedutor!...). Note-se, entretanto, que Miss Lamarr nada faz de especial a fim de aumentar-lhes o brilho e acender êsse fascínio que dizem que êles têm... Crê em tôdas as superstições — existentes e por existir — particularmente no aziago número 13, e quando coincide êsse dia caír numa sexta-feira, ela nem sai de casa, por causa das dúvidas...

Considera a família ideal a que é constituída por papai, mamãe, e dois filhos (um menino e uma menina). Gosta muito de crianças e diz que se tivesse dinheiro de sobra, estabeleceria um fundo para que os cônjuges sem prole pudessem adotar órfãos...

Tal como Popeye, é fã do espinafre, e não menos se delicia com as clássicas salsichas norte-americanas, as conhecidas "frankfurters". Diga-se de passagem que a doce Hedy gosta de "carregar" na mostarda... pela manhã, toma chá com torradas, e ao almôço, come carne fria e salada, sendo a ceia a sua refeição mais forte. Quando, ao falar em comidas, fala-se em dietas e regimes, Miss Lamarr confessa que essas palavras são desconhecidas nos seus menus. Dorme oito horas por dia, quando pode, e não se importa de passar noites em claro, quando as obrigações sociais exigem tal.

Não tem mêdo de incêndios, não acredita em "gangsters", gosta de anedotas picantes e não se assusta com baratas...

O único instrumento que toca é piano, muito bem, aliás, mas não gosta de se exibir diante dos outros. Sua diversão predileta é decifrar enigmas ou charadas, e, uma vez ou outra, jogar "bridge" com parceiros "errados"... Foge aos ambientes freqüentados pelos grã-finos; por isso, quando convida alguém para almoçar ou passar o dia em sua casa, previne-o antes da simplicidade e modéstia da anfitriã. Nunca foi amiga de pique-niques, mas supõe que êles devem ser bem divertidos quando em companhia de um namorado atrevido...

(Cont. na pág. 28)



HEDY LAMARR






HEDY LAMARR



VALENTINO

RUDOLPH Valentino, o Grande Amante. O homem que podia fazer pulsar os corações femininos de todo o mundo. Até mesmo agora, embora não freqüentemente, publicam os seus retratos e uma nova geração ca no encanto, lembrando-se de tudo o que ouviu da bôca de seus parentes mais velhos.

O meu nome é Luigi Verducci, e já sou um homem idoso. E eu conheci Rodolfo Valentino; conheci-o desde que pôs os pés em território norte-americano em 1920. Naquele tempo, êle nem ao menos sonhava em tornar-se ator. Um dançarino, sim. Mas não um ator.

Quando eu o encontrei pela primeira vez, êle lavava pratos no Abelha Ocupada, um restaurante barato situado na Sexta Avenida, em Nova York. Mesmo como lavador de pratos, cansado e suado, havia qualquer coisa a seu respeito capaz de fazer com que as mocinhas arregalassem os olhos. Eu era um garção ali e não me foi difícil verificar o que ocorria. Também não houve dificuldade para o chefe da cozinha verificar a mesma coisa. A mocinha da caixa era a sua namorada. Quando, finalmente, êle perdeu a paciência e investiu contra Rudy, eu corri em socorro do rapaz.

Os pratos quebrados, contudo, tinham mais significação para o patrão do que o fato de Rudy ser meu conterrâneo. A próxima coisa de que tomamos conhecimento foi que ambos, Rudy e eu, estávamos desempregados, caminhando ao longo das ruas com olhos pretos e lábios inchados.

Recordo-me que Rudy parou sùbitamente em frente a uma loja que tinha um "smoking" na vitrina.

— Paisano, — disse êle persuasivamente, contando o seu dinheiro — acabo de decidir que o incluirei num negócio da China. Eu! — êle necessitava de mais cinco dólares para comprar o "smoking"

Olhei-o incrèdulamente. Sem emprêgo, e êle estava pensando em gastar todo o dinheiro que possuía para comprar um terno. Mas aquêle era Rudy. Tinha coragem de sobra, e muita, e nenhum jôgo era muito arriscado para êle.

Bem, êle comprou o "smoking" e ambos conseguimos emprêgo no Bustanoby's, um restaurante de classe para os ricos. Mas desta vez era êle o garção.

As mulheres pareciam encontrar uma espécie de fascinação em Rudy, algumas de maneira indescritível, podendo ser comparada essa fascinação com algo de magia. Não era sòmente a sua estatura elevada ou as suas feições morenas a causa disso. Muitos outros também são altos e simpáticos. Mas, com Rudy, qualquer mulher — não importa o quanto estivesse sendo desejada — bastava olhar para Rudy e os seus olhos imediatamente começavam a brilhar, exatamente como a caixa no Abelha Ocupado.

Por isso, Rudy resolveu tirar vantagens de seu talento. Muita gente o chamava de "gigolô", embora êle fôsse oficialmente empregado como dançarino. Recordo-me bem como as mulheres recamadas de diamante e lutando desesperadamente para preservar uma ilusão de juventude, alegremente pagavam-lhe para com êle usufruir o prazer de uma noite de romance.

Nesta época eu já sabia um pouquinho mais a seu respeito. Viera de Nápoles como componente da troupe de dançarinos da companhia de Maria Tôrres. Mas êle e Maria haviam terminado a companhia quando ela começou a ter ciúmes de sua atenção para outra mulher. Rudy jamais gostou disso.

— Desde o princípio — êle dizia a Maria — eu lhe disse que não desejava um acôrdo exclusivo com *ninguém*.

Em conseqüência disso Valentino passou a dormir nos bancos dos parques de Nova York, enquanto procurava um emprêgo como dançarino. Mas a sorte ainda não se apaixonara por êle ainda. Finalmente, em trapos e faminto, aceitara o emprêgo como lavador de pratos no Abelha Ocupada.

Depois, consegui saber mais a respeito da moça com quem êle tivera um "affaire" no navio. Chamava-se Sarah Grey e isso resumia tudo o que Rudy sabia a seu respeito. Rudy vivera uma mágica noite no navio com Sarah, mas mesmo então, ela persistiu na idéia de manter um ar de mistério em tôrno de sua pessoa, que nem a simpatia de Rudy conseguiu desvendar. Quando êle chegou a Nova York, tentou tôdas as Grey do catálogo telefônico, mas ela desaparecera. Rudy admitiu que pensara muito a seu respeito. Creio que êle achava isso estranho, o fato dela o "despedir" tão brevemente, quando as outras mulheres lutavam por incandescer-lhe o amor.

★

— Olhe quem está sentado à minha mesa — fiz farol para Rudy, uma noite, no restaurante. — Joan Carlisle!

Joan Carlisle era uma das maiores estrêlas de Hollywood. Ela acabara de entrar, acompanhada de seu diretor, um sujeito de rosto amável chamado William King.

Rudy a olhava estranhamente.

— Acabo de solver um grande mistério — murmurou êle. Ao dizer isso, caminhou para a mesa da estrêla.

Surpreendentemente, Joan Carlisle levantou-se imediatamente para dançar com Rudy. E' claro que acreditava piamente que Rudy estava confiando sòmente em sua coragem para uma apresentação. No entanto, quando ouviu a estrêla falar, compreendi imediatamente.

— Eu pensei que seria melhor simplesmente esquecer sôbre Sarah Grey — sussurrou-lhe ela, enquanto os dois sonhadoramente bailavam ao som de u'a música dolente.

— Então, foi por isso que você desapareceu do navio sem nem ao menos dizer adeus?

Os seus olhos encantadores estudaram Rudy.

— Voltei do fim de umas maravilhosas férias, o término de um sonho. Tinha de voltar à realidade de ser o que realmente sou — Joan Carlisle. Tinha de dizer adeus à ilusão de Sarah Grey.

— A mulher que tive nos braços não era nenhuma ilusão — murmurou Rudy. — Ela era de carne e osso. Nela não havia nenhuma fome de vida... nem de amor — êle a puxou para juntinho de si. De que é que você está fugindo? De você mesma — ou de *mim?*

Joan se afastou.

— Sei como deve ser difícil para um homem dominante admitir que o mundo tanto é das mulheres como dos homens.

O olhar de Rudy era desafiador.

— Nunca encontrei u'a mulher cuja liberdade seja tão preciosa para mim como a minha própria liberdade. As nossa relações poderiam ser perfeitas.

— Você deve compreender que eu já disse adeus a Sarah Grey, Rudy, para sempre.

O tom de sua voz era final, e êle a levou de volta à mesa. Alguns segundos depois, entretanto, a sua face novamente se iluminara, pois, William King, olhando-o especulativamente, indagou-lhe:

— Você tem alguma experiência de teatro? — parece que havia uma cena de apaches no filme que Joan estava fazendo...

Rudy foi ardente ao responder:

— Atualmente, Mr. King, sou um "gigolô". Acredite-me, êste papel requer um ator maduro para o desempenhar.



CINE-ROMANCE

Título original:

VALENTINO

Joan Carlisle	ELEANOR PARKER
Rodolfo Valentino	ANTHONY DEXTER
William King	Richard Carlson
Lila Reys	Patricia Medina
Luigi Verducci	Joseph Calleia
Maria Tôrres	Dona Drake
Eddie Morgan	Lloyd Gough
Mark Towers	Otto Kruger
Tillie	Marietta Canty
Fotógrafo	Paul Bruar

Uma produção de Edward Small — Distribuido através da Columbia Picture Corp. — Produzido por Edwaro Small — Dirigido por Lewis Allen — Cenário de George Bruce.

King estava satisfeito.

— Venha ao estúdio de Fort Lee, amanhã de manhã.

Rudy desempenhou a sua ponta muito bem. Depois da primeira "tomada", King gritou: "Corte e imprima". E Joan, surprêsa, disse-lhe:

— Não tinha a minima idéia de que você fôsse um ator tão experiente.

Orgulhoso, êle apreciou com Lila Reyes, que fazia o segundo papel, King fazer "close-ups" de Joan.

— Parece que toma a respiração da gente, não é? — Rudy perguntou.

Lila meneou a cabeça sàbiamente.

— Ah, ah! Parece, sim, é que o bicho do celulóide o picou! Eu conheço os sintomas da doença.

Mas era verdade. King lhe ofereceu um papel no próximo filme de Joan e êle aceitou. Apenas, informou-lhe Lila, o contrato de Joan lhe dava o direito de aprovar os elencos de seus filmes...

Aquela noite, Rudy resolveu fazer uma visita aos aposentos de Joan, no Plaza, anunciando-se como o "presidente de seu maior clube de fãs". Quando, finalmente, Joan concordou em o receber, êle explicou que se referia ao clube de fãs de Sarah Grey; que êle soubesse, era a organização de um só homem.

— Miss Sarah Grey não está em casa — disse-lhe Joan àsperamente. — Miss Joan Carlisle reside neste apartamento — permanentemente.

Principiando a sair, Rudy lhe ofereceu um pequeno bouquet de violetas que êle havia escondido atrás.

— *Você* se ofenderia se eu lhe oferecesse um feixe de violetas de dez cents — disse êle ràpidamente. Então a sua voz se suavizou: — Mas *Sarah Grey*, ela os veria como a memória de uma noite enluarada... com o sussurro do vento...

Joan começou a gargalhar histèricamente. O gesto era tão ridiculo... e tão romântico.

— Rudolph Valentino! — gritou ela. — Você *é* impossivel!

De acôrdo com Rudy, foi uma noite maravilhosa. Os dois jantaram num pequenino restaurante italiano, onde um violinista tocou músicas ciganas de amor para êles. Finalmente, êle a deixou em casa, com o encantamento a lhe brilhar nos olhos.

★

Os acontecimentos do dia seguinte devem ter atingido Joan como um golpe. No camarim de Joan, Lila, inocentemente lhe disse que fizera sentir a Rudy que Joan tinha a palavra final na escolha dos elencos de seus filmes. Raivosa ante a suspeito do que êle tentara usar, Joan depois tentou suborná-lo, pagando-lhe — como gigolô — pelos divertimentos da noite passada. Êle não precisava preocupar-se. Ela aprovara a sua escolha para um papel no seu próximo filme.

Furiosamente, Rudy a segurou, esmagando os seus lábios de encontro aos da estrêla. Quando a soltou, o tom de sua voz era áspero:

— Isso não foi para conseguir um papel em seu filme, Miss Carlisle. Foi apenas para lhe deixar a memória de ter sido beijada por um "gigolô"... e de graça!

Aquela noite Rudy decidiu-se a tentar a sua sorte em Hollywood. Estivera estragando o seu talento em Nova York, disse-me êle. Quando tive certeza que êle estava realmente decidido, balancei a minha bandeja e meti a mão no bôlso para tirar algum dinheiro. Êle precisaria de um bocado do precioso metal para continuar trilhando o seu caminho e, apesar de tudo, êle ainda era o meu grande negócio.

Durante o correr dos próximos três meses, ouvi falar nêle apenas ocasionalmente. Êle andava de um escritório encarregado de distribuir papéis para outro, com pouco sucesso. Mas continuou mantendo-se em contacto com Lila que, vez por outra, o apanhava para passearem em seu carro.

Um dia, ela o deixou esperando-a no carro, enquanto ela ia apanhar um "script". Inadvertidamente, Rudy notou, êles haviam parado próximo a um cartaz que anunciava os "Quatro Cavaleiros do Apocalipse", um filme que ainda não fôra feito. Perguntava-se, no cartaz, em letras grandes: — "Quem desempenhará o papel de Júlio? Fairbanks? Barrymore? Gilbert?"

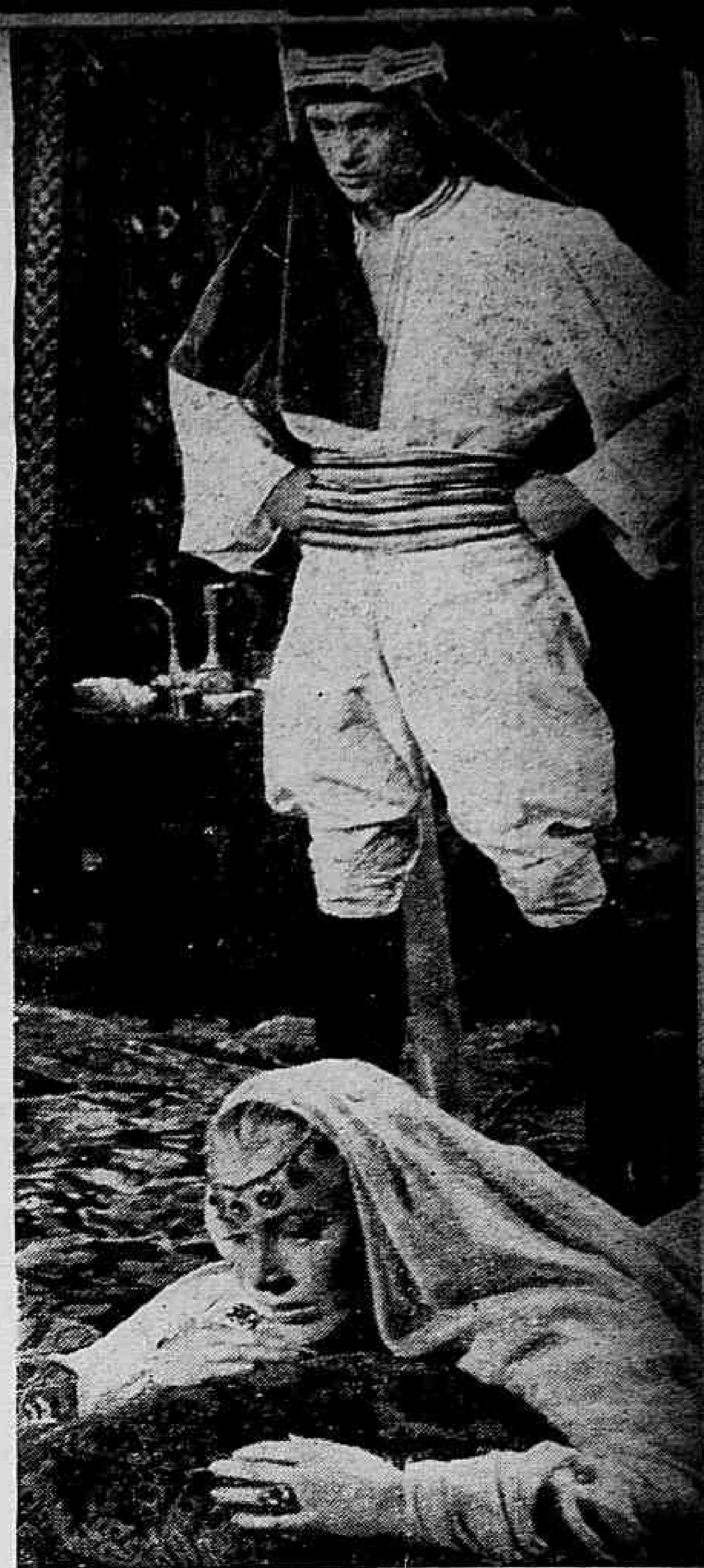
Chegando a casa, êle começou a estudar o livro em que se baseara o filme. Então fêz uma visita a William King. Com Lila como partenaire, êle fêz uma representação tão perfeita que mais do que convenceu o diretor. Mas o truque era atrair Mark Towers, que deveria produzir o filme, para tentar fazer com que êle aprovasse o teste.

King era um forte aliado, mas a sorte parecia estar contra Rudy. Towers desejava conseguir para o papel o maior astro da constelação cinematográfica.

Para qualquer outra pessoa, ali teria terminado a tentativa para conseguir o papel. Mas Rudy resolveu usar a coragem. No sábado seguinte Towers daria uma festa de aniversário e o meu amigo resolvera transformar aquela festa em algo que ninguém esqueceria

E fêz. Enquanto os convidados cantavam o costumeiro "Feliz Aniversário", em homenagem ao produtor, o tempo da música mudou imediatamente. Cinco músicos, vestidos todos como gaúchos, entraram na sala. Antes que o confuso Towers pudesse verificar de que se tratava aquela surprêsa, a atenção geral se prendeu na porta.

Ali assomava a figura de Rudy,



Durante as filmagens de «O Sheik» um velho amor voltou a fulgurar.

com um chicote dependurado no ombro direito. Arrogantemente, êle encostou-se ao umbral da porta, fumando um cigarro.

King estava surpreendido.

— Se êle está fazendo o que eu penso que vai fazer, é o mais sensacional "pedaço" de representação que cidade jamais viu — sussurrou êle para Joan, que fitava os olhos em Rudy, como que hipnotizada.

Através da porta, Lila se esgueirou, vestida como uma garçonete gaúcha. Os convidados, pensando que se tratava de parte da festa, aplaudiram entusiàsticamente.

Rudy agradeceu e tomou uma pose insolente.

— Em celebração do seu aniversário, Mr. Towers, — êle anunciou audaciosamente — permita-me apresentar a minha concepção de

(Cont. na pág. 28)



— Paisano, — êle disse, — acabo de decidir que o aceitarei como sócio de um negócio Eu!



Towers comprara «o sheik» para Rudy. E Joan deveria estrelar o filme, ao seu lado.



Sòmente agora compreendo o quanto você a ama, — disse Lila tristemente.

POR UM AMOR

(Cont. da pág. 17)

ginásio de Clyman, apreciando o treino de um de seus lutadores.

Johnny deixou o campo de treinamento e se dirigiu para Nova York e ao deixar o ginásio, Goff já lhe fizera a promessa:

— Você tem até uma semana antes da luta com Heldon para quebrar o seu compromisso com Sean, Johnny. Então ficará comigo... e com o dinheiro. Nada de lutas sem ser em disputa do título como essa com Heldon. Tôdas as lutas serão pelo título, tudo dinheiro, e um contrato de dez anos depois que você se aposentar.

Johnny voltou para casa com uma sensação de uma pessoa que deixa o lar paterno. O fone estava tilintando; era Pat e êle achou sua voz esquisita:

— Venha aqui hoje à noite, Johnny. Quero falar com você.

Uma criada o introduziu na casa de Sean O'Malley àquela noite. Sean e Pat discutiam na biblioteca e não o ouviram entrar. Pat dizia:

— Por quê você não se enfurece, Sean? Por favor, banque o zangado. Fume um cigarro. Grite e xingue com êle. Tenho certeza que os médicos não se importarão... só esta vezinha.

— Talvez o garôto esteja certo — disse finalmente Sean, com o rosto recortado de rugas profundas. — Estou velho, cansado. Compreendo Johnny. Se os homens como êle não sentissem fome, os promotores de lutas estariam na miséria. Goff pode fazer mais por êle.

— Para um homem que não gosta de Johnny — disse Pat raivosamente — você parece gostar um bocado dêle.

— Realmente, eu não gosto de Johnny. Compreendo-o, no entanto. Não gosto dêle para você e não gosto de homem algum que se envergonhe do sangue que lhe corre nas veias.

— Êle não tem vergonha de ser mexicano. Apenas odeia as coisas que lhe aconteceram porque é mexicano... — ela parou, pois o viu na porta.

Sean disse quietamente:

— Hello, Johnny. Você me apanhou no caminho da cama. Boa-noite, crianças — êle saiu do carro, rodando êle mesmo as rodas de sua cadeira.

Pat o estava encarando, com os olhos incendiando desgôsto.

— Alguém nos telefonou hoje, dizendo que você e Goff...

— Você pode ouvir conversas... — interrompeu Johnny. — Boatos de que a amo, aos seus olhos, aos seus lábios...

Êle a puxou para junto de si, beijando-a ternamente. Sùbitamente, ela se encostou a êle. chorando:

— Quando você vai pedir-me em casamento, Johnny? Você nunca nem ao menos...

— Quando eu puder tomar conta de você — disse Johnny. — Sòmente então...

— Oh... — Pat caminhou para a porta, mas Johnny se adiantou a ela e a interceptou.

— Você tão pequenina, tão pequenina e adorável, como uma gatinha...

— E tão furiosa com você... — soluçou Pat, e logo estava em seus braços, chorando e apertando-o com amor...

★

No dia seguinte, Johnny Monterez fêz o seu primeiro treino desde o acidente com Marty. A sua luta continuava em boa forma, embora sem ser selvagem, e os repórteres logo começaram a tomar anotações e fazer os seus comentários. Mas, depois, Johnny disse particularmente a Balford:

— A dor vem direta para o cotovêlo. Estamos em sinuca.

— Olhe, — falou Balford — não existe uma maneira de fazer uma curva que você não se sente com vontade de fazer? Diga a Pat sôbre a sua mão... esqueça-se do orgulho...

— Chega... — retrucou àsperamente Johnny.

Naquela noite, Johnny levou Pat para um pequeno "night-club", onde podiam dançar e beijar-se sob a luz de românticas velas.

— E' lindo, Johnny — sussurrou Pat. — Um lindo lugar, Johnny... mas, para quê? Para pedir-me em casamento?

Johnny a apertou de encontro ao peito.

— Você é minha garôta e quero casar-me com você, mas primeiro preciso ter certeza de que a poderei sustentar.

Pat olhou o garção, enquanto êle servia a champagne.

— Êle devia ter pôsto mais um copo para o homem invisível. Mr. Goff está aqui sentado conosco em espírito. Creio que êle seria o seu padrinho de casamento.

— Por quê não? — indagou Johnny. — Êle tem um milhão de dólares e eu me satisfaço com metade disso. Então, que há de errado?

— Nada — respondeu quietamente Pat. — Exceto o que isto significa para Sean. Johnny, eu não lhe pedirei para o soltar.

Egoìsticamente, Johnny respondeu:

— Nós estamos em primeiro lugar. Pat. Não quero terminar como garção.

— Rick está certo... — exclamou calmamente Pat, como se fizesse uma descoberta. — Você crê que existe uma "conspiração de gringos" contra você. Lamento que não tenha quebrado a mão, Johnny. Creio que a nossa única oportunidade sòmente aparecerá quando você não mais fôr campeão — ela se levantou da mesa.

— Eu o amo, Johnny, mas você torna êsse amor difícil de mais.

Johnny não soergueu os olhos.

— Rick está no Hoop's, Pat.

Duas horas depois, Johnny, arrependido, se encontrava à porta da casa de Rick onde Pat se encontrava. Sem mais poder conter-se, tocou a campainha. Em seguida entrou, sorrindo, carregando um violão debaixo do braço.

— Trouxe um presente para Pedro — disse êle, usando o apelido que escolhera para o seu único amigo "gringo". Pat virou-se e Johnny sussurrou para Rick:

— Ajude-me, Pedro, porque você é um amante de cachorros...

Johnny subiu na mesa e começou a dedilhar o violão.

— Tenho uma idéia para essa luta com Heldon... O público se está desinteressando dia a dia porque não é em defesa do título. Sean acredita que Heldon seja um lutador de terceira classe, que não merece nem uma oportunidade ao título. Portanto, se alguma coisa acontecesse, êle continuaria o mesmo Heldon, lutador de terceira classe. Mas eu creio que vou pôr o título em jôgo para vender algumas entradas...

— Creio que Johnny está certo — concordou Rick. — E' a única resposta, Pat. Sean também precisa do dinheiro, você sabe.

Os olhos de Pat voltaram a brilhar.

— Não sei. Claro que Sean é quem deve decidir. Johnny, você é igual a uma criança.

— E a enraiveço tanto — sorriu o jovem lutador. — Perdoe-me, Pat.

— Perdoar é muito fácil, mas esquecer é que talvez seja um pouquinho mais difícil — ela segurou os braços de ambos e os puxou para a cozinha. — Vamos, vocês podem conversar enquanto trabalham. Descobri que a velha história de Rick sôbre o seu spaghetti é conversa fiada, pois êle nem ao menos sabe prepará-lo... e é tempo de vocês dois aprenderem.

Quando foi anunciado que a luta com Heldon era em disputa do título, o interêsse do público aumentou consideràvelmente. Chegando ao campo de treinamento, Balford teve de abrir caminho através de uma verdadeira multidão de repórteres e espectadores para alcançar Johnny.

— Chegou a hora de fazer o seu negócio com Goff. Se você não lograr fazer com que Pat vá falar com Sean sôbre o seu contrato, eu mesmo me encarrego disso. Êle pode estar doente, mas não tão doente para você prejudicar a sua carreira por causa dêle. Afaste Pat, para que eu possa falar com êle.

Johnny voltou do telefone com a face contorcida de emoção.

— Pode ir e tentar convencê-lo. Acabo de persuadir Pat a vir apreciar o meu treino agora à tarde.

Johnny recebeu a telefonema de Rick já ao anoitecer e ao dirigir-se para a cidade quebrou tôdas as leis de tráfego. Rick estava sentado numa cadeira na mesa de Sean. Pat, completamente impassível, caminhava de um lado para o outro do quarto, tocando um retrato aqui, um velho troféu ali. Johnny entrou afobadamente.

— Cheguei aqui logo que pude. Como vai êle? Que posso fazer?

Pat virou-se ràpidamente e, sùbitamente, uma expressão de ódio se apresentou em seu rosto.

— Êle está bem morto, muito obrigado. E você já fêz bastante... matando-o..

Johnny sentiu-se eletrificado. O que dissera Pat, afinal? Êle, Johnny Monterez, matara Sean? Seria o ódio que todo "gringo" tem pelos mexicanos que se estava manifestando em Pat?

— Você nem ao menos teve coragem de vir e mandou um emissário. E' muito fácil terminar de esmagar um coração grande quando êste já está caindo aos pedaços. Você bem que me disse que Goff tem um milhão de dólares e não pararia diante de coisa alguma para conseguir metade dêste dinheiro — ela virou-se. — Pode arranjar desculpas para êle. E' uma coisa que você sabe fazer muito bem — um segundo depois ela estava nos braços do repórter. Johnny, com o coração despedaçado pelo mal que causara, deu meia-volta e deixou a sala.

★

Foi na véspera da luta que Johnny. descendo do tablado, avistou Rick e Pat que o esperavam.

— Desejo falar com você a sós — disse Rick, friamente.

Johnny descansou os olhos por alguns instantes no rosto de Pat.

— Você também me quer ver?

— Eu já o vi — respondeu ela, dando-lhe as costas.

Johnny levou Rick para um dos quartos.

— Ela continua pensando que eu matei Sean. Que pensa você, meu bom amigo Pedro?

Rick não se fêz de rogado, respondendo imediatamente:

— Creio que você precisa de menos cabeça e mais coração.

— Dará certo — exclamou Johnny, sardônicamente. — Você acabará casando-se com Pat e os sinos de casamento geralmente assassinam amizades. O que é mesmo que você veio dizer-me?

— Não. Isto é sério, Johnny, portanto deixe de me aborrecer e brincar com você mesmo. Amanhã será publicada uma reportagem minha a qual afirma que Heldon vai derrotá-lo. Êle tem estudado os filmes de suas lutas e descobriu que você tem o mesmo hábito inconsciente de Joe Louis, o seu único defeito até que êle o descobriu. Você abaixa o seu braço esquerdo um pouquinho antes de esmurrar com a direita. E' uma oportunidade que se repete freqüentemente e êle pretende contra-atacá-lo nesse momento exato e arrebatar-lhe o título.

★

Johnny entrou no ring e viu Rick entre os repórteres e Pat a algumas cadeiras de distância, mas nenhum dos dois o olhava de frente. O jovem lutador sentiu o ódio contra os "gringos" assumir proporções que até então êle desconhecera em seu peito e ansiou pelo início da luta, quando poderia descarregar tôda a sua raiva contra o queixo de Heldon. Meramente ouviu as instruções e, ao soar do sino, estava dançando em volta de Heldon, pronto para golpeá-lo na primeira oportunidade que se apresentasse.

Boxeando, experimentando o seu oponente. Johnny era o lutador de sempre, confiante e ao mesmo tempo calculista. Então, de algum lugar, a direita de Heldon explodiu em seu queixo. Johnny sentiu-se atordoado e se abraçou a Heldon num "clinch". Chegavam aos seus ouvidos os rugidos selvagens da assistência. Separou-se e novamente começou a boxear. Mais uma vez Heldon conseguiu acertar-lhe uma direita. Johnny começou a perder a noção da contagem dos "rounds" e de tudo, exceto aquelas poderosas direitas que estavam a todo instante explodindo em seu rosto, em seu corpo, em todos os lugares.

O campeão estava agachado e repentinamente viu-se olhando de frente para Pat. Ela chorava e os seus lábios formavam as palavras:

— Por favor, Johnny, não se levante! Por favor não se levante!

Johnny seergueu. O juiz lhe perguntava qualquer coisa. O jovem lutador entreabriu a bôca e murmurou: "Pedro! Pedro!". Logo depois

(Cont. na pág. 30)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

1.ª Facilidade de pagamento e 30 % de desc[illegible] vendas a varejo por preço de at[illegible] por ser representante de 26 fábricas européias.

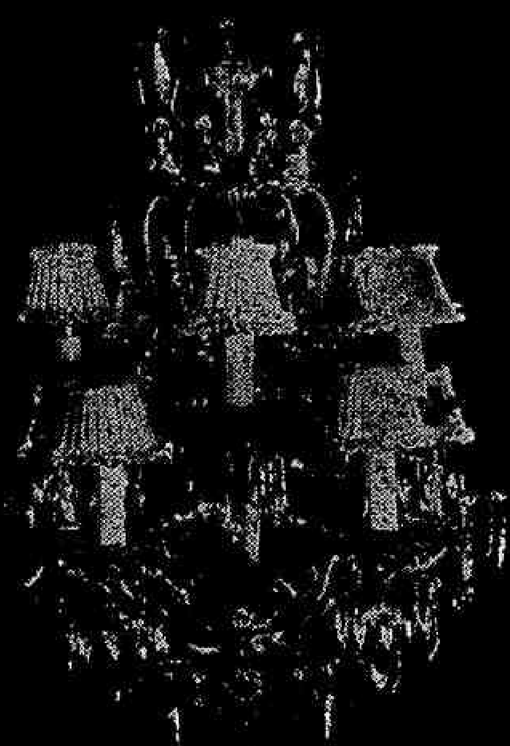
[illegible] Material de 1.ª qualidade.

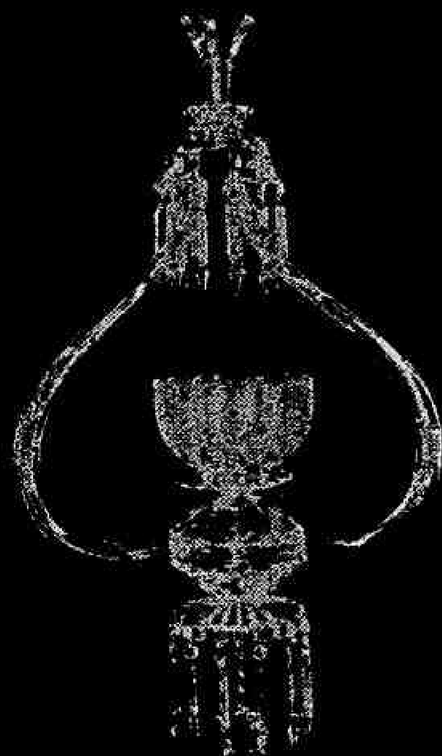
4.ª Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.

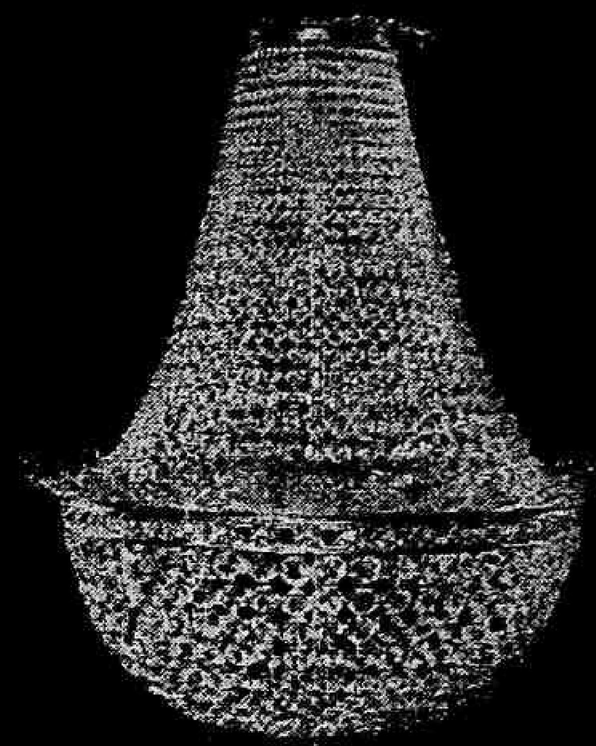
[illegible] Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

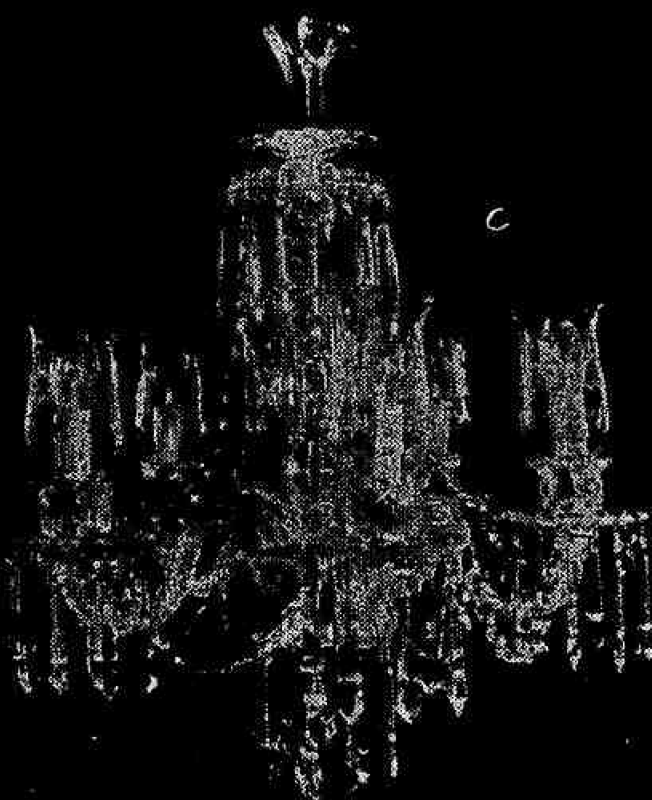
GALERIA SÃO PEDRO

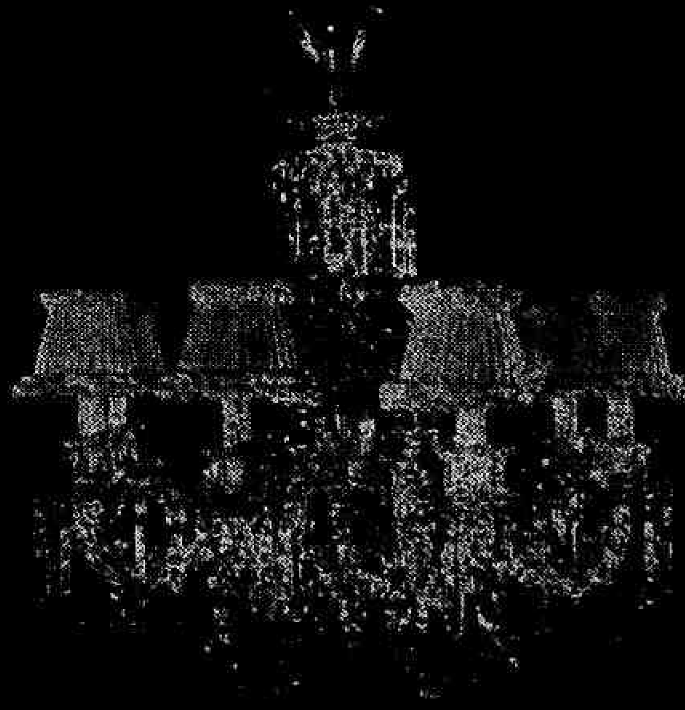
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428


1


2


3


4


5


6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 14[illegible] MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Nao compre sem visitar a exposição da **GALERIA S. PEDRO** onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇAO: DAS 8 AS 22 HORAS.



"RASTRO SANGRENTO"



A encantadora Joyce Willecombe, secretária do abastado Henry Murcall, está voltando à cidade da casa de subúrbio do seu patrão, quando vê uma dupla de indivíduo suspeitos (Beacon e Gus) no trem. A moça receiosa, avisa ao condutor e, apesar de êste achar que ela está sendo um tanto exagerada no seu conceito, resolve telegrafar para o tenente Bill Calhoun, chefe da polícia da estrada. Bill aparece no trem, mas não leva a sério a crença de Joyce de que os homens são suspeitos — até que êle vê Beacon guardar u'a maleta num depósito da estação, fechá-la e despachar a chave para algum lugar. Uma vez que êsses depósitos são igualmente usados para guardar mercadorias quentes, Bill manda que a maleta lhe seja entregue no escritório e abre-a. Dentro dela, Joyce reconhece o chale e pertences de Lorna, jovem de 18 anos de idade, e filha do seu patrão. Joyce está convencida que Lorna foi raptada, e um subseqüente chamado telefônico para Murcall, feito por Bill e pelo inspetor de polícia Donnelly, revela ser esta suspeita uma realidade. Murcall, entretanto, pede à polícia que se mantenha fora do caso, pois êle pretende pagar a soma que os raptores exigirem para ter Lorna salva em casa.

Apesar da polícia não poder fa-

Título original:

(Union Station)

Joyce	**Nancy Olson**
Bill Calhoun	**William Holden**
Lorna Mureal	**Alene Roberts**
Donelly	**Barry Fitgerald**
Joe Beacom	**Lyle Bettger**
Margo	**Jan Sterling**

Produção de Jules Schermer — Direção de Rudy Mate — Screenpla de Sydney Boehm de uma novela de Thomas Walsh.

zer nada até que os raptores entrem em contato com Murcall, Bill e Joyce — os únicos que podem identificá-los — mantêm-se firmes, vigiando os depósitos da estação, na esperança de ver algum dêles voltar para reclamar a valise. Muito confiante, Gus aparece. Bill e alguns dos seus homens o seguem, mas êle logo suspeita e é abatido por um tiro quando tenta fugir. A sua morte é mantida em segrêdo a fim de não amedrontar Beacon. Joyce acha que Bill fèz mal e com isso criou um perigo maior para a vida de Lorna. Êles vêm a saber do resultado disso quando Murcall, em contato com Beacon, é ordenado a esperar instruções ao entardecer na mesa de informações de maior movimento da estação. Convencido agora de que Lorna está morta, Murcall coopera com a polícia e os detectives de Bill, espalhados pela multidão, esperam o sinal a fim de apanhar inesperadamente Beacon, quando êste aparecer. Mas Beacon suspeita de algo e foge. Joyce, entretanto, que o vê, segue-o e ouve-o mandar Vince Marley, outro cúmplice, de volta à estação. Correndo na frente, Joyce aponta Vince a Bill que o prende e amedronta-o até quando êle conta tudo o que sabe — e diz, então, que Lorna está viva e onde ela se encontra na companhia de Beacon e de sua pequena Marge. Quando a polícia e Bill chegam ao endereço, Beacon e Marge, pressentindo, já haviam fugido com Lorna. Agora, êle sabe que Lorna se encontra realmente ainda com vida. Donnelly cancela o alarma que é geralmente dado para prender raptores, mas um guarda de patrulha, inadvertidamente, os vê e tenta prendê-los. Beacon atira nêle e em Marge também. Contudo, antes de morrer, ela conta à polícia tudo o que sabe.

Nesse meio tempo, Murcall, que havia recebido instruções para ir à mesa de informações da estação com a valise contendo a soma de dinheiro, faz com que novamente Bill espalhe seus homens por entre a multidão. Beacon, porém, que pretende matar Lorna uma vez obtido o dinheiro, introduz a moça num enorme túnel subterrâneo por baixo da estação e deixa-a lá enquanto êle vai tentar apanhar o dinheiro caracterizado em condutor. Fazendo uso de um mensageiro e de uma nota de entrega ao portador, prepara-se êle para se apoderar do resgate pago por Murcall. Sòmente os olhos ligeiros de Joyce descobrem a "manobra" e fazem com que Bill corra atrás dêle. A caçada tem lugar dentro do túnel. Ambos, Bill e Beacon, estão feridos, sendo, no entanto, o ferimento de Beacon o mais grave. Seu único objetivo agora, é alcançar Lorna e levá-la consigo para a morte. Mas Bill alcança-o e matá-o antes que êle consiga realizar o seu intento fatídico. Lorna é restituída a seu pai e Bill e Joyce descobrem que ambos estão apaixonados.









Rádio

ARMANDO MIGUEIS

COISAS QUE ENTRISTECEM

A veneração do Jaime Moreira Filho pelo sr. Gilson Amado.

Êle não era assim.

Antes do sr. Gilson Amado, êle tratava o cronista com afabilidade. Revelava-lhe seus projetos, procurando conhecer-lhe a opinião. Discutia, com o cronista, a melhor maneira de aproveitar os novos. Nada fazia, por sinal, que não levasse ao conhecimento do responsável por esta coluna.

Mas, Jaime Moreira Filho está cem por cento mudado.

Um cargo de assistente bastou para modificar-lhe as atitudes.

Presentemente, olha o cronista à distância. Não mais aquêle cumprimento cordial dos velhos tempos, nem o costumeiro bate-papo.

Está importante!

Seus afazeres não permitem perda de tempo. E' que gigantescos planos aguardam sua palavra final... Formidáveis empreendimentos carecem de seu beneplácito... Arrojados projetos reclamam seu absoluto e imprescindível apoio... Portanto, não há tempo a perder. Nem mesmo com aquêles que sempre o prestigiaram desinteressadamente, quer na imprensa falada, quer na imprensa escrita.

A propósito, lembramo-nos da definição de Berliet Júnior: "Nada pior, para alguns, do que galgar um degrau. Esquecem-se, com facilidade, dos companheiros de ontem".

Exato!

E' mais útil gravitar em tôrno daquele que está com as ordens. Daí, a metamorfose observada em muitos.

Jaime Moreira Filho, a nosso ver, prescinde dessa gravitação, como o cronista prescinde, por sua vez, de qualquer obséquio dêle. Nossos comentários jamais visaram resgastes futuros, porque exprimem o pensamento exato de quem assina esta seção, logo...

Aqui entre nós, Jaime: que tal se você voltasse a ser aquêle sujeito afável, "venerando" todos os seus companheiros de emissora, hein? E' tão fácil. Depois, a simplicidade é e continuará a ser uma das caracteristicas principais em todo homem superior. Portanto, não desça do conceito em que sempre o teve o cronista.

CINCO NOTICIAS, APENAS

Êsse dinâmico Antônio Maria não se deu bem com a tevê. Campo limitado para quem possui um mundão de idéias a executar. Por isso, ei-lo de volta a simplicidade de seu cargo na PRG-3, unido ao Ari Barroso na transmissão de grandes "fla-flus". Quanto à produção de "broadcasts", Antônio Maria responde pela gostosa "Rua da Alegria" e pelo não menos gostoso programa de que Dorival Caími é o cabeça. Existem, ainda, outros em estoque. ★ Ah, as novelas! São as maiores entre os demais programas. Nada de êste mundo consegue roubar-lhes a supremacia. Nem o caso sentimental da rainha Dalva de Oliveira. Por isso, Álvaro Augusto não dorme na "remington". Entra mês, sai mês, êle mantém-se no "lesco-lesco", batendo novos capítulos de novas histórias seriadas. Agora, entregou ao elenco de teatro cego da Globo, a novela "Um homem bom". ★ Depois das histórias em capítulos, é o baião. Vitrolas de botequim, radiolas familiares, serviços de alto-falante, não perdem tempo com outras músicas. E' baião p'ra lá, baião p'ra cá, assegurando apreciável renda a Humberto Teixeira. No rádio, é a mesma coisa. Vire e mexe, lá vem baião. Na Tamoio, por exemplo, existe um programa intitulado "Salve o baião". Encarrega-se da redação, o radiator e autor Antônio Leite. Sanfona e garganta de Zé Gonzaga. ★ Chianca de Garcia aqui desembarcou para fazer cinema. Deu-nos, de início, aquêle impuro "Pureza". A seguir, voltou-se para os cassinos, onde permaneceu até a assinatura do odiado decreto contra o jôgo. Pisou, então, o terreno teatral, a fim de explorar o gênero revista. Walter Pinto andou com muita dor de cabeça... Agora, fala-se no seu ingresso na tevê. Caberá a Chianca a montagem de shows. ★ Dorival Caími possuía um violão diferente dos outros. E' que, além das cordas, o instrumento era um perfeito álbum sonoro de autógrafos. Daí, despertar a cobiça de algum fã do Pablo Neruda. E, numa noite destas, enquanto Caími espantava o sono com alguns goles de whisky, o colecionador misterioso carregava o violão do autor de "Dora". Caími ficou triste.

CONFISSÃO



MARIO LAGO
adora o samba!

Mário Lago é um nome em nossa música popular. Autor de composições de grande sucesso, sua opinião a propósito do samba é das mais interessantes. E' uma opinião emitida ali por volta de 1940, quando Alziro Zarur levava a efeito uma "enquête" de apreciável aceitação. Mário Lago, consultado a respeito do que pensava do samba como expressão da nossa música popular, respondeu:

— Sou de opinião que não há o que pensar de música popular, isto é, música que caracteriza um povo. Gosta-se ou não. Eu adoro o samba. O que não se pode é fazer divagações, comparações entre a "Nona Sinfonia" e "O que é que a baiana tem", nem negar o samba como expressão de nossa música popular sob a alegação de sua origem africana. Pergunto eu: estrangeiro com não sei quantos anos de Brasil, conservando ainda o sotaque de origem, se naturalizar-se brasileiro não pode ser funcionário público? Pode. Por que então negar-se brasilidade ao samba, que veio do jongo africano (vá lá!), passou por mil e uma transformações e já não é mais nada do que foi? Concordo que a sua apresentação seja pobre, que não haja cuidado na seleção... Mas a culpa não é do samba, coitado. E' das fábricas de discos, é dos cantores que não sabem escolher repertório, é da censura...

FORA DA ONDA...

OPINIÃO: — O cronista paulistano E.B., abordando a atuação do cantor Marino Gouveia, afirma: «Cantores do gênero folclórico, no sentido lato da palavra, existem poucos em nosso rádio e mais raros ainda são aquêles que sabem distinguir entre o legítimo e o falso gênero, entre o folclore inventado por um compositor citadino e o tema simples, ingenuo e popular recolhido por um musicólogo honesto. Daí a importância que têm, no seu setor, cantores de rádio como Marino Gouveia e Jorge Fernandes. Porque neles não encontramos o «caipira», nem o repentista ou o clássico desafiador e violeiros. Neles encontramos o artista que divulga a música mais genuinamente brasileira, a música «cabocla» ou então a música «negra», para usarmos a terminologia do professor Luís Heitor».

CULTURA: — A Rádio Ministério da Educação possui um «Colégio do Ar». Diàriamente os ouvintes encontrarão, entre sete e oito horas da manhã, aulas ministradas por professores experimentados no ensino pelo rádio, sôbre Português, professor Octacílio Rainho; Francês, professôra Yvone Garnier; Inglês, professor Climério de Oliveira; Espanhol, professor Aristóteles de Paula Barros; Italiano, professôra Marcela Mortara e História do Brasil, professor Álvaro Salgado.

As inscrições nos referidos cursos do Colégio do Ar são inteiramente gratuitas.

Os pedidos de inscrição devem ser dirigidos ao Colégio do Ar — Rádio Ministério da Educação — Praça da República, 141-A — Rio de Janeiro.



ISMÊNIA DOS SANTOS
quinze anos de E-8

RÁDIO PARA AGRICULTORES: — O Ministério da Agricultura vem apresentando, de segunda a sexta-feira, às 18 horas e 30 minutos, na Rádio Ministério da Educação, uma série de programas intitulados «Terra Brasileira» e dedicada aos lavradores e criadores, professores rurais, donas de casa, a todos, enfim, que vivem no campo, nas pequenas cidades e vilas. Nesta série de «broadcasts», cuja aceitação vem sendo cada vez maior entre as populações rurais, o ouvinte encontra sempre uma palavra amiga, um exemplo, orientações para tarefas que desempenha, ensinamentos úteis e sujestões para vencer dificuldades que aparecem na vida da população.

OS DEZOITO DA PRE-8: - Desde o dia 12 de setembro de 1936, quando foi ao ar a Rádio Nacional, que se mantém firme nesse prefixo emprestando sua colaboração a diferentes setores, os seguintes elementos: Alberto Roxo Ramos, operador; Armando Longoni, operador; Ataulpho Xavier Alves, operador; Aurélio Andrade, locutor; Célio Nogueira, violinista; Celso Guimarães, locutor e rádio ator; Dante Santoro, flautista; Iberê Gomes Grosso, violoncelista;

(*Cont. na pág. 30*)

ILARA GOMES GROSSO, UMA VIRTUOSE DO TECLADO

SOBRINHA-NETA DO GENIAL CARLOS GOMES

Campinas serviu de berço a Carlos Gomes!

Nessa mesma cidade, sob o chilrear constante das irrequietas andorinhas, nasceu Ilara Gomes Grosso que, por sinal, está ligada por laços cosanguíneos ao genial compositor patrício.

Ilara é sobrinha-neta de Carlos Gomes.

Aos primeiros albores de sua meninice, como que levada por extraordinário poder, a jovem campineira voltou-se para a música, indo escolher no piano, o instrumento de sua predileção. Tanto bastou para que seus pais a iniciassem no caminho da música, levando-a a freqüentar um dos cursos da popular cidade paulista.

Mas, Ilara precisou alçar vôo, a fim de melhor desenvolver-se nos segredos da musicalidade. Por isso, veio para a Cidade Maravilhosa, onde passou a freqüentar a Escola Nacional de Música. E, nesse ambiente propício à sua formação artística, não tardou em colocar-se na vanguarda de seus colegas de turma, a ponto de conquistar, por unanimidade, a medalha de ouro. Trata-se de láurea cobiçada por aquêles que se dedicam à prática do belo.

Mais uma vez, desejosa de aprimorar seus conhecimentos, Ilara teve de buscar outro campo de instrução. Foi a Paris, ingressando na Escola Normal de Música. Ao deixá-la, tinha concluído, com invulgar brilhantismo, o curso de aperfeiçoamento.

Regressando a seu país de origem, apresentou-se em público, recebendo verdadeira consagração de seus patrícios. A própria crítica, assás exigente em seus comentários, louvou-lhe o mérito. E' que Ilara não se limitou a ouvir. Procurou, isto sim, aprender. Daí, a oportunidade das palavras de Andrade Muricy, após ouví-la no "festival Debussy", no decorrer de 1948. Escreveu o crítico: "Ilara Gomes Grosso colaborou (sonata para violoncelo e piano) com Iberê Gomes Grosso, com a sua musicalidade excepcional. Dialogando, e não acompanhando (há ainda quem não saiba que não se "acompanha" sonatas...), concorreu para aquêle momento superior de arte."

Independente de suas apresentações em público e em várias emissoras brasileiras, nossa reportada é livre docente da Escola Nacional de Música, da Universidade do Brasil, por concurso, realizado com invulgar brilhantismo no decorrer do ano findo.

Ilara Gomes Grosso integra, com a pianista Lourdes Gonçalves, o "Duo Pianístico" que vem exibindo-se em várias cidades brasileiras, inclusive na Cidade Maravilhosa como ocorreu na primeira quinzena de março, quando o ouvimos através do programa "Ondas Musicais".

Formou, ainda, com Iberê Gomes Grosso e Oscar Borgerth, um famoso trio que marcou época nos anais da música erudita.

A sobrinha-neta de Carlos Gomes não desmereceu, portanto, o nome do imortal gênio de nossa música. Ela continua sendo uma das pianistas mais apreciadas do Brasil de nossos dias.



ILARA GOMES GROSSO
sobrinha neta de Carlos Gomes.

PORTUGAL . . .

(Cont. da pág. 9)

à rádio Gazeta de São Paulo, onde renova o êxito obtido na primeira temporada.

E pelo visto tão cêdo não o veremos no Rio, pois depois de São Paulo terá que ir à Recife, atuar na rádio Jornal do Comércio e também possivelmente à Bahia numa visita à boa terra.

Depois da temporada no Brasil, seu amigo e emprezário José Meireles, já tem programada uma longa excursão artística pela Argentina, Chile e outras repúblicas da América do Sul.

O que tem encantado as platéias para as quais êle tem cantado é sua voz potentíssima, aliada à um estilo suave e uma técnica de cantar muito pessoal, fazendo com suas canções românticas, nascer a saudade, sem contudo descer do nivel.

ANTOLOGIA DOS...

(Cont. da pág. 14)

ANTOLOGIA: A GATA BORRALHEIRA

"A Gata Borralheira" (Cinderella) pode ser considerado o melhor desenho animado de longa metragem (dos que incluem figuras humanas) saídos dos estúdios de Walt Disney. Muito embora fantasia tenha sido a obra-prima do criador do Pato Donald, "A Gata Borralheira" está muito e muitos pontos acima da famosa *Branca de Neve e os Sete Anões*. Progressos de ordem técnica principalmente. Nessa nova produção, os movimentos das "criaturas" são quase perfeitos — A Cinderela, a Madrasta e, suas duas filhas, bem como a Fada Madrinha, personagens de "carne e osso", aparecem com apreciável desenvoltura, quase livres daquele automatismo que obrigava o público a torcer o nariz. E' bem verdade que as "pessoas" ainda carecem de relêvo — nesse ponto os animais de Disney estão mais perfeitos... Disney, que dispõe de uma fabulosa e anônima equipe de técnicos, verdadeira responsável pelo sucesso de algumas de suas produções, mais uma vez apresenta maravilhas para os olhos, retalhos de sonhos em tecnicolor, materializa um braço de fuga para o infinito. O espectador, instalado nas poltronas mais ou menos desconfortáveis do Astória, no Rio, recebe um verdadeiro banho de suavidade. Sai mais "leve" do cinema."

(*"O Cruzeiro"*, 31 - *março* - 1951)

LINDA STIRLING...

(Cont. da pág. 10)

vários «westerns» como companheira de Bill Elliott e em alguns seriados como «O Segrêdo da Ilha Misteriosa», «Espírito Escarlate» e no ainda inédito para nós, «A Volta de Jesse James», que a tornaram conhecida como a «rainha dos seriados».

Mis Linda Stirling é solteira e habita um pequeno apartamento na Capital do Cinema em companhia de sua irmã caçula que está interessada em abraçar a carreira jornalística.

HEDDY LAMARR

(Cont. da pág. 19)

Veste-se quase sempre de prêto, por achar que é a côr que melhor azeviche. Antes de ser atriz, aprendeu a desenhar vestidos com o propósito de trabalhar como modista. Sabe costurar, mas não se dedica à costura; sabe cozinhar, mas tampouco se emprega nos serviços de cozinha, muito embora durante a sua infância sua mãe a prendesse tantas vêzes no pó do fogão...

Lava o rosto com água e sabão, apenas, não usando cosméticos de espécie alguma.

Sabe guiar automóvel, mas é sua criada quem dirige o seu modesto cabriolé amarelo. Prefere fazer suas viagens em trem, ainda que não tenha mêdo de voar em aeroplanos. Seu ideal é viver em uma casinha de campo, simples e sem luxo, criando galinhas, se isto não aprecia é o lilás, e lamenta que o clima da Califórnia não seja favorável ao seu cultivo.

Entre os homens, acha-se tão bem como entre as mulheres. Aproxima-se mais das pessoas de bom humor, e diz que a idade mais interessante do homem é a que varia entre os quarenta e cinqüenta anos (Salve o "velhinho"!...)

E' muito grata aos fãs que lhe pedem autógrafos, porque demonstram interêsse por ela. Mas não se esquece da garôta que, em setembro último, apresentou-lhe um álbum para que ela autografasse, e depois perguntou-lhe: "Mas, afinal, quem é a senhora?"

Quando desempenha um papel diante das câmeras nunca fica nervosa, e não se opõe tampouco a que pessoas estranhas visitem o "set" quando está representando uma cena de amor... Assim foi durante todo o tempo da filmagem do tecnicolor de Cecil B. de Mille, "Sansão e Dalila", filme cheio de idílios flamejantes...

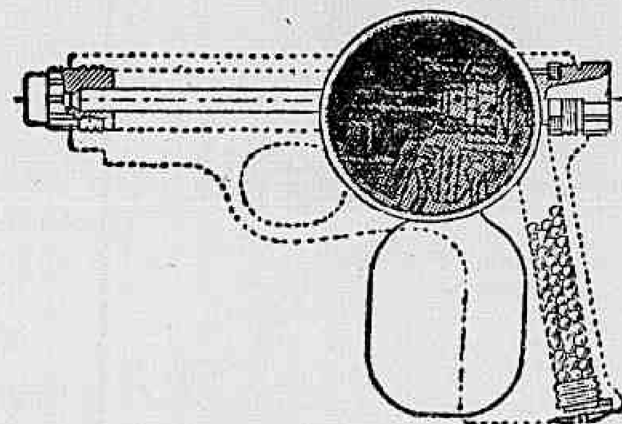
E assim é a legítima Heddy Lamarr, a bela e sedutora "Dalila" por quem qualquer cidadão pacífico e de bom gôsto seria capaz de fazer uma bobagem... ou mais de uma!

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO 1471 - SÃO PAULO
PEÇA CATALOGO GRATIS

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS

Contra o esgotamento físico e mental!
VINHO DA VIDA
VINOVITA
RENOVADOR DAS FÔRÇAS
Tônico poderoso

Pistola "PNEUMATIR"
PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES
A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola
Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres
FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.
RUA URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO
Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes
Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL
Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes
Cr$ 15.00
Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMATIR», conforme indicação abaixo:
Nome ....
Endereço ....
Cidade .... Estado ....

Melodias para você

MEU SÃO JORGE

(VALSA)

De **Marino Pinto** e **Mário Rossi**
Gravação de **Carlos Galhardo**

A São Jorge
Nesta vida de mágua e de dôr,
Escolhi com a fôrça da fé
Para meu protetor
A São Jorge
Em meu peito um altar eregi } BIS

E assim consegui suportar
Tôda a dôr que sofri

Meu São Jorge,
Que tem tantos poderes sem fim.
De joelhos lhe peço a rezar.
Não se esqueça de mim.
Meu São Jorge,
Agradeço-lhe mais uma vez } BIS

Com os olhos voltados ao céu
Pelo bem que me fez.

TE QUIERO, TE QUIERO

(CANCION-BOLERO)

De **Gabriel Ruiz**

Que lindo nombre tu nombre
Para invocarte muy quedo
En la quietude de la noche
Y confessar que te quiero

Para adornarte con soles
Para vestirte de ensuenos
Y murmurarte al oído
Te quiero, te quiero.

Palabras viejas tan viejas
Como la vida y el sol
Y que al decirlas parece
Que las inventa mi amor

Cuando te digo... te quiero
Me nace del corazón
Ese te quiero es el beso
Hecho palabra en mi voz... si!

Que lindo nombre tu nombre
Para invocarte muy quedo
Y murmurarte al oido
Te quiero, te quiero.

«AMAR SEM SER AMADO»

(SAMBA)

De **Léo Vilar - Nanai**
Gravação de **Anjos do Inferno**

BIS {
Chamei alguém pra escutar
Os versos tristes que eu fiz
Neles conto a história
De alguém que já foi feliz

Diz o velho ditado:
— Que amar sem ser amado
Para deixar de sofrer
O melhor é esquecer.

Sem teu amor
Minha vida é um enorme vazio
Mas se não queres me amar
Pra que sonhar.

«ADEUS, ADEUS, MORENA»

(BAIÃO)

De **Manesinho Araújo** e **Hervê Cordovil**
Sucesso de **Carmélia Alves**

Adeus, adeus, morena
adeus, adeus, xodó
tenho dó de minha pena
não costumo a durmi só.

Ai, se o vento sopra lá na mata
ondeia todo o capinzá
eu me lembro o corpo da morena
qui só qué me vê pená.

Ai, se lá o fogo das quemada
fais o sol avremeiá
me lembra os lábio da morena
qui só qué me vê pená.

A PEDIDOS

SERTÃO DE JEQUIÉ

Toada de **Klecius** e **Armando Cavalcante**

Gravação de **Dalva de Oliveira**

Deixei meu ranchinho pobre
No sertão de Jequié
Vim pro Rio de Janeiro
Só pra ver como é que é

Deixei meu ranchinho pobre
No sertão de Jequié
Vim pro Rio de Janeiro
Só pra vem como é que é

Vim pro Rio de Janeiro
Só pra ver como é que é
Deixei meu ranchinho pobre
No sertão de Jequié

Ai meu Deus quanta saudades
Do meu bom caboco
Que beijava minha bôca
E me dava cafuné.
Agora que eu já sei como é que é
Quero vortar bem depressa
Pro Sertão de Jequié.
Passiei pela cidade
Vi morenas bem bonitas
Vi cinema e muita fita
Fui no Corcovado inté
Mas nada é mais bonito
Que as muié
E a lua que alumia
Meu sertão de Jequié.

O CARTAZ DO MOMENTO



Linda Batista

SINFONIA DO APARTAMENTO

(SAMBA-CHORO)

De **Haroldo Barbosa**
Gravação de **Linda Batista**

Comprei um apartamento no 3º andar
Pra pagar em 15 anos,
Caso eu viva até lá
Se aguentar...
Mas em 3 meses
Eu vivi um tal tormento
Que larguei o apartamento
Quem quiser pode comprar

Tinha um vizinho
Professor de canto
Com o qual eu sofri tanto
Que nem quero me lembrar
Suas alunas do 1º ao 9º ano
Debruçadas no piano
Solfejavam sem parar:
— Lá-rá-rá-rá - mi-mi

A meia-noite começava
O pif-paf no vizinho da direita
Com o qual eu não me dou
Eu reclamei a portaria,
Ao proprietário, fui até
Ao comissário
Mas o jôgo não parou:
— Não está é minha loba!

Do outro lado
Bem em frente ao edifício
Há um tipo cujo ofício
E' viver a me espiar
Se mudo a roupa
E esqueço a janela aberta
O tal tipo vem na certa
De binóculo a me olhar:
— Fiu! Fiu!
E nesses dias de calor
Insuportável
No banheiro formidável
Não há gua pra ninguém
O italiano que vem consertar
A bica, berra mais que o
Tito Schipa
Mas a água nunca vem
— O' Maria,
O' Maria!

Minha vida é uma eterna agonia
E quando eu não aguento mais
Lá vem o pessoal do Jazz
— ê, ê Baboriba!
ê, ê Baboriba!
ê, ê Baboriba!

Comprei um apartamento no 3º andar
No 1º há pif-paf,
No 2º até macumba,
No 3º há uma vitrola
E no 4º dançam rumba:
— Hipócrita, sensivelmente Hipócrita

Comprei um apartamento no 3º andar
Mas amanhã vou me mudar
E pago luvas a quem comprar e
E' pra já seu Edgar!

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

DENTRO DA VIDA

(Cont. da pág. 13)

dicação de d. Olga, a dona da pensão em que vivia.

Todavia, os acontecimentos precipitaram-se de maneira fulminante. Desconfiado, Eduardo segue certa tarde o seu colega e vai ter à própria residência! Armado de um revólver e explorando a covardia de Eduardo, Carlos foge. Marta é poupada tão sòmente em virtude de esperar um filho, mas expulsa-a do lar.

Desorientada, vai em busca de Carlos. Foi sòmente então que Ângela, por simples questão do acaso, veio a saber de tudo. E foi maior a sua decepção porquanto foi até com cinismo que Carlos repeliu a ex-amante: «jámais havia gostado de alguém, queria apenas vingar-se» foram as últimas palavras que Ângela ouviu e, com elas, a sua completa decepção por sua extinta paixão. Conseguiu transferência da escola em que ensinava e partiu com rumo desconhecido. E, sòmente tarde demais que Carlos veio a reconhecer os erros em que incorrera. Inútilmente, procurou Ângela na estação. E lá ficou no cáis, ao lado do submerso barco.

FORA DA ONDA . . .

(Cont. da pág. 27)

Ismênia dos Santos, rádio atriz; Jaime Marchewsky, violinista; Jair Picaluga, diretor de publicidade; José Maia, serviços técnicos; Luciano Perrone, baterista; Nuno Roland, cantor; Pedro Vieira Gonçalves, flautista; Radamés Gnatali, maestro; Romeu Ghipsman, diretor de orquestra e Orlando Silva, cantor. Êste, aliás, conquanto fundador da PRE-8, estêve desligado da mesma algum tempo. Seu retôrno data dêste ano.

POR UM AMOR

(Cont. da pág. 22)

alguém o estava ajudando a deixar o tablado. onde o novo campeño esperava pelo microfone, sorrindo para a multidão.

Johnny estava sentado na mesa de massagens quando Rick entrou, mas êle conseguiu sorrir.

— Agora sei o que significa ser pôsto "knock-out"... e não gosto nada disso. Lamento não ter liquidado Heldon, Rick. Mas lhe darei uma medalha de prata. No entanto, issc deve ter sido muito bom para a sua carreira, Rick... o único sujeito que acertou. Pat deve orgulhar-se de você.

— Não gosto de piadas de mau-gôsto sôbre Pat e eu. Pat é a sua garôta.

— Cale-se — resmungou Johnny. — Consegui sair com a mão em perfeita condições. Em três meses estarei de volta em forma de modo que pode deixar de lamentar-se por mim e de bancar o cupido. Quero a minha prepria vida e nela não há lugar para você nem Pat.

— Que vai fazer, Johnny? — indagou Rick.

— Eu vou sair... mas antes tenho algo a dizer. De tôdas as mais imundas palavras de quatro letras, ódio é a pior. Você acabará destruindo a Johnny Monterez, odiando a todo êste mundo gringo. Continue e será retribuído na mesma moeda. Gosto de você, Johnny, mas...

— Retire-se! — gritou Johnny. — Retire-se imediatamente ou levante os braços.

— Levante as mãos — repetiu Rick. — Isso é covardia. O seu cérebro é tão duro como a sua mão direita... Isso é o mesmo que eu o desafiasse para uma luta intelectual...

A fúria se espalhou através de todo o corpo de Johnny. Êle pôs tôda a sua fôrça na direita que soltou contra Rick. O murro explodiu no queixo do jornalista e uma dor percorreu o braço de Johnny. Rick foi de encontro a porta e logo depois tombou. Levantou-se vagarosamente e disse para Johnny, antes de retirar-se:

— Foi uma boa luta, mamãe, mas eu perdi...

Johnny caminhou em direção a Gump e Tripp, murmurando dolorosamente:

— Chamem o dr. Esmond! Chame-o depressa!

Não havia mais ninguém no campo de treinamento. Ninguém visita o campo de treinamento de um vencido. Johnny estava sòzinho, envolvido pela escuridão, com os olhos fitos na amargura das memórias e meramente ouviu um carro aproximar-se. Então soergueu o rosto e Pat estava ali, em sua frente, sorrindo para êle. Levantou-se de um salto.

— Você não devia estar aqui. Sou errado para você... e sei disso desde o princípio... Por quê você está rindo?

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

— De você! Você já se zangou tanto comigo que é até mimosinho agora, que está fingindo — ela tocou a mão de Johnny.

— Desta vez está mesmo quebrada. Nada de lutas, nada de Goff, nada mais.

— Exceto tudo o que eu sempre quis, — murmurou Pat suavemente — Johnny Monterez.

Êle a olhou desajeitado.

— Quebrei-a em Rick, Pat. Esmaguei a minha mão... e a nossa amizade.

— Tolice! — disse Pat, assobiando

Imediatamente, o rosto sorrindente de Rick apareceu num canto.

— Já era tempo de você assobiar. Se tem alguma coisa que você ainda não resolveu, resolverá mais tarde. Estamos abrasados para a "fiesta".

— Fiesta? — disse Johnny assombrado.

— Sim, na casa de mamãe. Deve ter umas quinhentas pessoas. Mamãe e Marina estão com mêdo que a tequila não seja bastante.

— Ela é tão mimosa — murmurou Pat, sorrindo. — Pequenina, assim como eu. E Marina é *bacana*. Gosto de tôdas duas. Creio que elas também gostaram de mim.

Johnny desceu os degraus desajeitadamente Sentia-se ligeiramente do mesmo modo quando fôra pôsto "knoch-out" por Heldon A sua mente se recusava a clarear.

— Se eu tivesse mantido o título, creio que nunca teria certeza. Agora, sou um sujeito felizardo... — então os lábios de Pat estavam encostados nos seus, dando o murro final, e tudo era maravilhoso para Johnny.

No carro, Rick passou a mão no corte que Johnny lhe fizera no queixo.

— O que o homem bem vestido deve usar... Esparadrapo Johnson & Johson. Imaginem só eu ser chamado Tio Pidro...

Johnny virou a cabeça para êle.

— Não é *Pidro* — Pedro. A sua pronúncia está errada.

Todos gargalharam, felizes.

(Tradução e adaptação de Antônio Rocha)

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

VALENTINO

(Cont. da pág. 21)

um prólgo para "Os Quatro Cavaleiros".

A dança era um drama de paixão e da febre de domínio do homem. Quando soou o último acorde, Lila estava caida, exausta, nos braços de Rudy, que a beijou violenta e selvagemente.

Os convidados responderam com gritos de entusiasmo. Enquanto os dois recebiam a ovação, Lila soergueu o olhar para o rosto de Rudy, com os olhos radiantes. Então os dois se ergueram e êle se inclinou, beijando-a delicadamente.

(Cont. no próximo número)

CINEMA

A MAIS RENDOSA INDÚSTRIA DO MUNDO

SEJA UM DOS SEUS SÓCIOS CAPITALISTAS, SEM EMPREGAR UM ÚNICO CENTAVO!

OPORTUNIDADE EXCEPCIONAL

Envie nome e endereço, em envelope selado com Cr$ 2,00 a-fim-de receber autêntica foto de uma das mais notáveis artistas da tela, acompanhada da explicação desta mágica, ao

FAN FOTO CLUBE

Caixa Postal, 752
Salvador, Bahia, Brasil

TELAS DA CIDADE

COTAÇÕES
1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

O MAGO
(El Mago — Columbia)

Indiscutivelmente, Mário Moreno criou um tipo pular: Cantinflas. Seu maior propósito é satirizar tudo, sob aquêle humor grotesco que caracteriza sua figura. Contudo, Miguel M. Delgado, diretor de tôdas suas películas, não é suficientemente hábil para explorar o talento do cômico mexicano, cujas películas salvam-se pela sua presença — e assim mesmo apenas em alguns momentos. «O Mago» é mais uma de suas películas, com alguns momentos realmente engraçados mas, no geral, uma fita fraca que não sái da mediocridade nem foge aos mais banais lugares comuns. O argumento é frágil e mal cenarizado e nem o esfôrço pessoal de Mário Moreno consegue melhorá-lo. Recomendado exclusivamente aos seus fãs.

Cotação artística: 1 — **Cotação comercial: 2,1/2**

CASCALHO
(Filme nacional — Sul Filmes)

Do romance de Herberto Salles sabemos apenas que foi um sucesso de livraria. Todavia, conhecendo-o através dessa fita, o próprio autor há de convir que não foi nada daquilo que êle quis dizer. Tema vigoroso e violento, dificilmente transportável à tela, louvamos apenas a audácia de que um cinema embrionário como o nosso se dispuzesse a filmá-lo. O resultado foi um desastre, a partir da cenarização (confusa) seguindo pela direção (insegura e sem qualquer conteúdo humano) terminando pela interpretação (mal orientada, como se os personagens fôssem autômatos movidos por contrôle eletrônico). Existe a intenção de fazer cinema sério e, nesse particular, a iniciativa merece aplausos, apesar da censura sincera que lhe fazemos, de transportar temas extremamente difíceis para um cinema pràticamente «novo», sem experiência, sem recursos, sem capacidade. Em alguns momentos, a fotografia é muito boa: nítida, limpa, e até mesmo artística. Mas é só. O esfôrço e a intenção foram frustradas pela delicadeza e profundidade do tema. Leo Marten melhora na direção — mas está ainda muito longe de ser um diretor. José Lewgoy já nos deu mostras de que pode vir a ser um bom ator, mas, talvez entusiasmado demais com a crítica favorável, deixou-se levar pelo exagêro, não só seu como da própria direção. Norma Tamar, bonita, uma beleza fria e inexpressiva, não tem um pingo de talento — pois se tivesse, estamos certos, nos teria mostrado, nem que fosse numa única cena. A pobrezinha nem sabe falar. Jackson de Souza, outro bom tipo do nosso cinema, também está mal orientado. Sérgio de Oliveira, Modesto de Souza e Sadí Cabral, também bons atores, muito mal dirigidos. Edmundo Lopes faz uma ponta, sem destaque. Antônio Gonçalves, o fotógrafo, o que revela de bom na fotografia revela de mal na interpretação. Enfim, aí fica mais uma demonstração de boa vontade do nosso cinema, sempre com o propósito de acertar. De outra vez, que escolham temas mais acessíveis, que façam um melhor roteiro, que coloquem um bom diretor e que dêm segurança e humanidade aos artistas. E aqui estamos para aplaudí-los.

Cotação artística: 1 — **Cotação comercial: 1/2**

ALGEMAS DE CRISTAL
(The Glass Menagerie — Warner)

Irving Rapper quase consegue um milagre, um dêsses raros milagres de transformar numa fita uma peça cinematográfica de sucesso. «Algemas de Cristal» foi extraída de um original de Tennesse Williams e teve um cenário cuidadoso, estudado, apesar de não ter conseguido eliminar grande parte dos diálogos — muito bem feitos, diga-se. O filme, ainda que lento, propositalmente, deixa um certo cheiro de «teatro», mas que é fàcilmente esquecido pela sinceridade com que os tipos se movimentam diante da câmara, do drama íntimo que todos êles vivem e principalmente a jovem Laura, aleijadinha cheia de recalques a quem a mãe quer casar de qualquer forma. O ambiente criado por Rapper é absorvente, contaminante, e nós mesmos chegamos a compartilhar de seu sofrimento, de sua ingenuidade, de sua bondade, de sua ternura. Jane Wyman está estupenda e Gertrude Lawrence não lhe fica atrás. Kirk Douglas, correto. Arthur Kenedy, muito bom, e esperamos que lhe dêm, de agora em diante, melhores oportunidades. Ótima fotografia e ótimo fundo musical. Vale a pena.

Cotação artística: 3 — **Cotação comercial: 3**

REDENÇÃO SANGRENTA
(The Braking Point — Warner)

Êste é um filme de Michael Curtiz, o que quer dizer, um filme com uma história de agrado do público e feito com arte, com cuidado, resultando numa boa fita. Bem cenarizado, o argumento de Ernest Hemingway não perde nada de seu vigor, estampando com sinceridade (apesar de alguns chavões) a luta íntima de um homem honesto em face de uma súbita dificuldade financeira. Em verdade, a fita não procura focalizar em primeiro plano o interior dos personagens, cujas personalidades são construidas em pinceladas, ora nos diágolos e ora em algumas situações. O principal objetivo é a trama que se forma, com choques violentos, até ao «climax» dentro da lancha — resvalando logo após para o «final-feliz». Contudo, muito bem fotografada por Ted Mc Cord e bem sublinhada pela música de Franz Waxman, a fita segue um ritmo seguro, com boas interpretações de um elenco firme e de quilate. John Garfield, bem à vontade, está sóbrio. Patricia Neal, noutro papel vampiresco, está linda e tentadora — mas não consegue desviar Garfield do bom caminho. Phyllis Thaxter, bem razoável, num papel que vai bem com o seu feitio. Os demais, todos bons. Os apreciadores de filmes violentos e aventurescos, com tiros e traições, podem ver tranqüilos que sairão satisfeitos. Êste é bem feito.

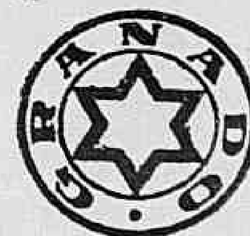
Cotação artística: 3 — **Cotação comercial: 3**

O Remédio de Confiança das Senhoras





GINOSEDOL



JOÃO FREY

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



GIG YOUNG

O jovem Gig Young nasceu em St. Cloud, Minnesota, EE.UU. a 4 de novembro de 1917... Tem olhos azuis e cabelos castanhos. Mede 6 pés e pesa 170 libras. Antes de entrar para o cinema cursou uma escola técnica em Washington D.C. Chegou em Hollywood em 1941 e desde então, com o intervalo da guerra, já apareceu em duas dezenas de fitas, sendo as mais conhecidas: «Demônios do Céu», «Namoradas da Marinha», «Assim é que elas gostam», «Corsário das Nuvens», «O Intrépido General Custer», «As três herdeiras», «Águas Americanas», «Uma velha amizade», «Quero-te junto a mim», «A mulher de branco», «Os três mosqueteiros», «O Rastro da Bruxa Vermelha», «Escravos da Ambição», «Loucuras de Amor», «Hunt the man down» e «Target Unknown». As suas atividades se dividem entre os estúdios da Warner, Columbia, Metro, Republic, RKO Radio e Univedsal.



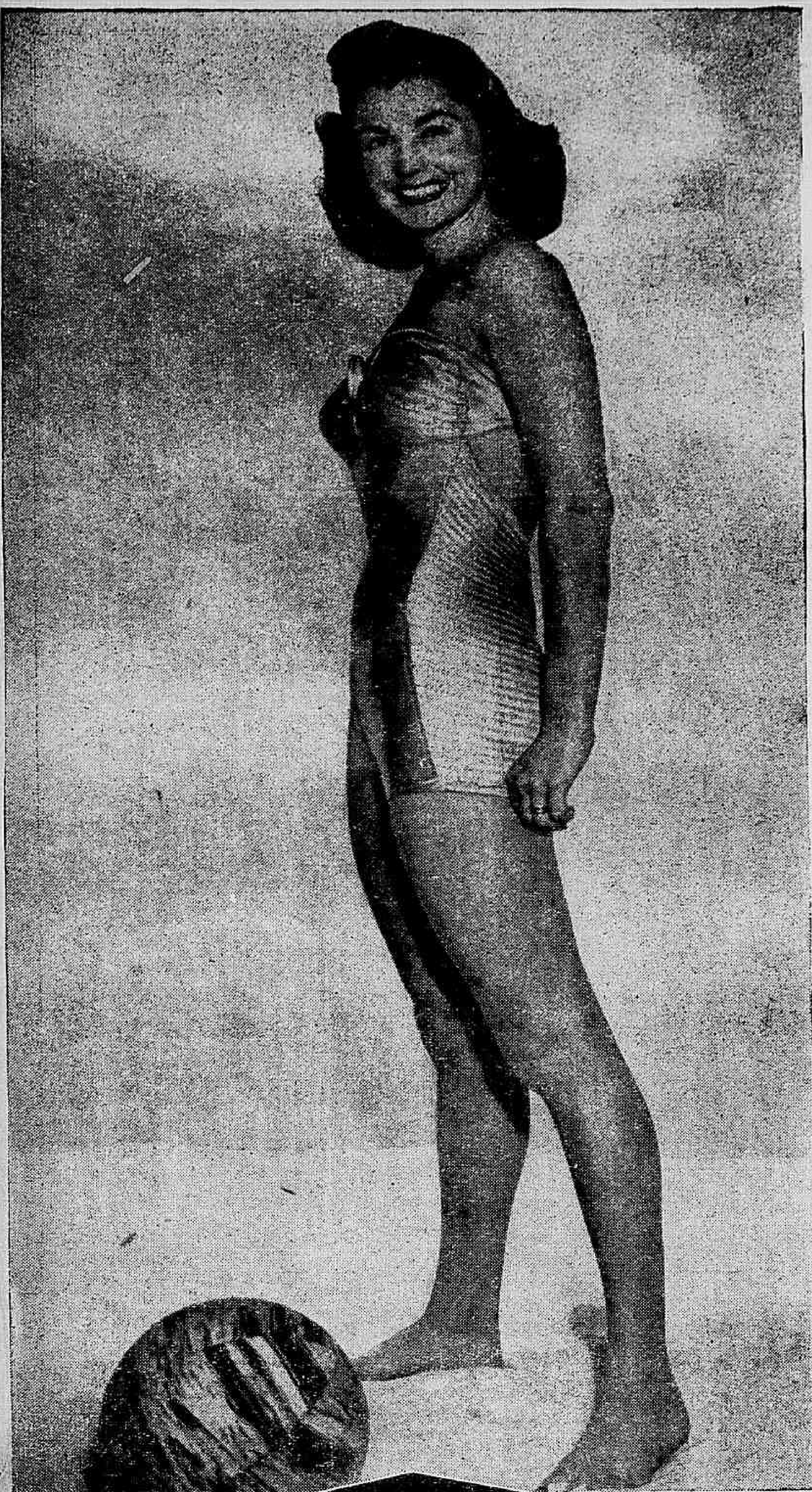
TETRY MOORE

NASCEU em Los Angeles, California, EE.UU., a 7 de janeiro de 1929 (brotinho, brotinho!...) Depois dos estudos secundários, candidatou-se a «extra» em um estúdio e assim é que foi fazendo papéis até alcançar oportunidade almejada. Seus filmes mais conhecidos são: «Maryland», «À Meia Luz», «O filho de Lassie», «Explosão Musical», «Outubro voltou à terra», «Monstros de um mundo perdido», «Rupert the II», e «Virgin Island». Está sob contrato atualmente na Columbia. Terry, que é muito engraçadinha, parece uma fóca adolescente (como diria o Van Jafa), mede 5 pés e 2 polegadas de altura e pesa 105 libras, tem olhos azüis e cabelos dourados. Sob o nome de Jan Ford é que apareceu em um filme. Seu verdadeiro nome, porém, é Helen Koford. Terry andou fazendo misérias em programas de rádio da Califórnia antes de se hollywoodificar...

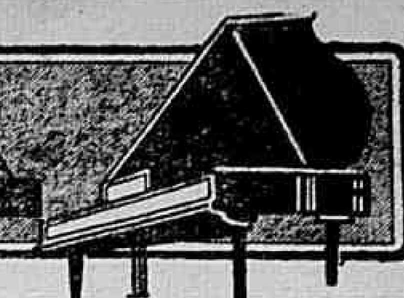


WILLIAM HOLDEN

NASCEU William Holdem em O'Fallon, Illinois, Estados Unidos da América a 17 de abril de 1918 e começou a carreira cinematográfica em 1939 na Columbia. Desde então já fez filmes para as seguintes firmas: Columbia, Warner Bros., Paramount, United, 20th Century-Fox e RKO Radio. Dos seus filmes melhores destacamos, pela ordem cronológica: «Conflito de duas almas», «Homens Marcados», «Nossa Cidade», «A Amazona de Tucson», «A revoada das Aguas», «Gloriosa Vingança», «A Sombra Amiga», «Tudo por um beijo», «Clube dos Inocentes», «Quatro irmãos a queriam», «Ruth Querida», «Miragem Dourada», «Apartamento para dois», «O Homem que eu amo», «No velho Colorado», «Mosqueteiros do Mal», «Passado Tenebroso»((inédito no Rio por culpa do truste!!!), «Brotinho Infernal», «Crepúsculo dos Deuses», «Minha adoravel secretária», «Union Station», «Father is a bachelor», «Born Yesterday», «The Submarine Story». William Holden é casado com Brenda Marshall e já andou cortejando, na tela, a Bárbara Stanwyck, Jane Bryan, Bonita Granville, Martha Scott, Jean Arthur, Verônica Lake, Evelyn Keyes, Ellen Drew, Jeanne Crain, Loretta Young, Mona Freeman, Nina Foch, Lucille Ball, Glória Swanson, Nancy Olson, Judy Holiday.



ESTHER WILLIAMS — A saborosa Esther Williams é de Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos da América. Nasceu a 8 de agôsto de 1921, portanto êste ano vai entrar na casa de Balzac, ôba, ôba! Tem cabelos castanhos-dourados, olhos castanhos claros, e um corpo que eu acho infernal, mas que o meu amigo Clóvis Ramon acha horroroso... Atleta, antes de ser atriz de cinema (bom, pelo menos ela «nada» nos filmes), Estherzinha foi campeã estadual e nacional de natação e instrutora em um dos colégios piscínicos da Califórnia. Começou na Metro e até agora vai muito bem com o Leão, obrigado... Entre 1943 e 1951 já fêz: «A dupla vida de Andy Hardy», «Dois no Céu», «Escola de Sereias», «Paixão em jôgo», «Ziegfeld Follies», «Quem manda é o amor», «Ouro no barro», «Festa brava», «Saudade de teus lábios», «Numa ilha com você», «A bela ditadora», «A Filha de Netuno», «Meu coração tem dono», «Amor Pagão», «Girl from Rectors», «Texas Carnival». Seus astros quase permanentes foram: Red Skelton, Van Johnson, Mickey Rooney, William Powell, Ricardo Montalban, Johnie Johnston, Gene Kelly, Howard Keel.



OSWALDO DA CUNHA

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

INAUGURANDO a série de concertos programados para a temporada de 1951, tivemos a Orquestra Sinfônica Brasileira, na primeira destas apresentações, tendo como solista a pianista patrícia Marialcina Lopes. Iniciando o programa com a "ouverture" "Eurianthe" de Weber, a Orquestra Sinfônica Brasileira apresentou-se sob a batuta de Eleazar de Carvalho e, se bem que brilhantemente conduzida pelo jovem maestro, não correspondeu cem por cento, devido talvez a certa debilidade técnica do conjunto. Seguiu-se o Concêrto n. 3, em dó menor opus 37, para piano e orquestra, de Beethoven. Nêle apresentou-se como solista Marialcina Lopes; pudemos notar o esfôrço e cuidado com que a jovem pianista procurava vencer as mais difíceis passagens, sem conseguir, todavia, realizar com suficiente clareza e vigor, as seqüências mais brilhantes do "allegro" do grande concêrto. Possuidora de perfeito contrôle de nervos, talvez por isso mesmo Marialcina tenha conduzido a execução com certa frieza, não colorindo eficientemente os desenhos sonoros de que se compõe a obra. Enfim, Marialcina é, todavia, muito jovem, e terá ainda a oportunidade de observar e aperfeiçoar-se. Possuidora de incontestável talento, muito ainda podemos esperar para o seu futuro. Por motivos imperiosos, não nos foi possível assistir à última parte do concêrto, razão pela qual nos abstemos de maiores comentários.

NOTICIA'RIO

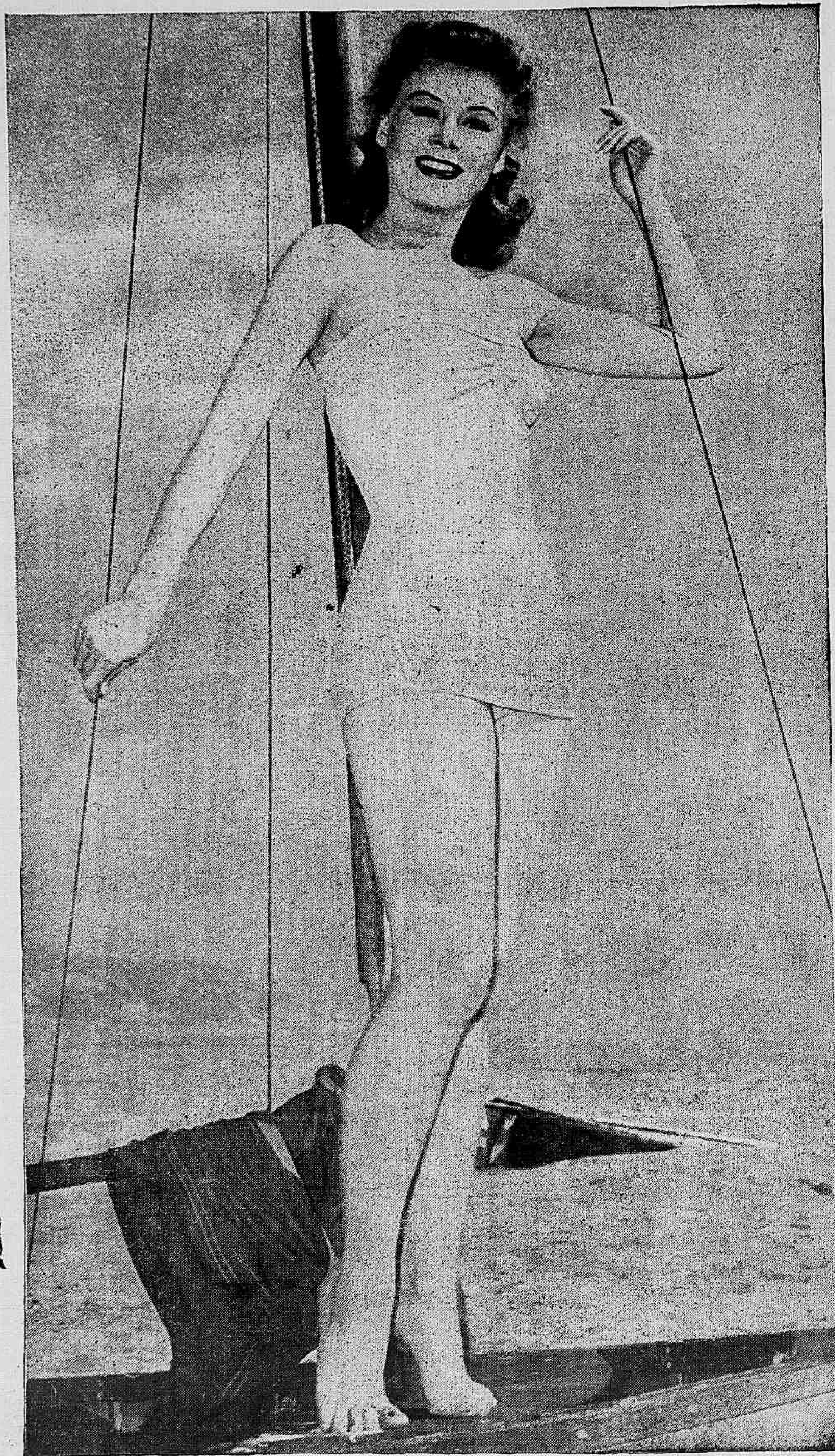
★ GUIMAR NOVAIS — Em recente inquérito realizado nos Estados Unidos, para a escolha das melhores execuções da temporada 1950-51, o «Concêrto em Fa Menor» executado pela pianista brasileira Guiomar Novais, foi citado várias vêzes. ★ ARTISTAS JUDEUS EM NOVA YORK. — Deverão apresentar-se em novembro próximo naquela cidade, o pianista Solomon e o violoncelista Gregor Piatigorsky. Também dois violinistas judeus deverão apresentar-se pròximamente naquela cidade, são êles, Szymon Goldeberg e Jasha Heifetz, que deverá atuar como solista em três concertos, apresentando num dêles o Concêrto para violino e orquestra de Jan Sibelius. Em março próximo passado, apresentaram-se ao público novaiorquino, Felícia Blumenthal, pianista brasileira, e o violinista Isaac Stern, que atuou como solista no Concêrto em la menor, para violino e orquestra, num concêrto da Orquestra da Sociedade Sinfo-Filarmônica de Nova York, sob a regência de Dmitri Mitropoulos, no Carnegie Hall. ★ — LAZARE LEVY — O professor Lazare Levy, pianista e professor de piano no Conservatório Nacional de Paris, encontra-se em Israel, realizando um rápido curso de interpretação, além de alguns concertos. ★ ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS — A Orquestra Sinfônica Nacional preparou um programa que levou a efeito no Constitution Hall, em honra dos ministros estrangeiros da quarta Reunião Consultiva dos Chanceleres. O programa constou da Nona Sinfonia de Beethoven e da Segunda Sinfonia de Paul Creston, compositor americano contemporâneo. Howard Mitchel, diretor da orquestra, escolheu esta sinfonia de Beethoven por achar que se tratava de «um hino monumental à democracia». O concêrto inclui a Tocata de Frescobaldi, orquestrada e com arranjo do falecido Hans Kinder, fundador e anterior regente da orquestra. Comentando sua escolha, Mitchell disse o seguinte: «Durante séculos os homens têm chamado a música de língua universal e, por êsse motivo, selecionei a Nona Sinfonia de Beethoven, obra prima entre as obras primas. Sei que o verso de Schiller, Ode a Alegria, o qual inspirou esta música magnificente, diz que a humanidade ainda se reunirá fraternalmente. Quanto a Segunda Sinfonia de Paul Creston penso que deveria ser conhecida em tôda a parte». Suas composições abrangem trabalhos orquestrais e corais e música de câmara. A performance da Orquestra Sinfônica Nacional foi transmitida pelo rádio e encerrou a vigésima estação da orquestra na capital dos Estados Unidos.



CLAUDIO ARRAU

Para os fãs de Cláudio Arrau, aqui vão algumas notícias recentes que nos chegaram a seu respeito. Êste notável pianista, tão conhecido do público brasileiro, encontra-se atualmente em intensa atividade artística. Após terminar a sua décima e consecutiva «tournée» atravez dos Estados Unidos e Canadá, apresentou-se na Cidade do México, para uma série de três apresentações; a seguir transferiu-se para Milão, iniciando assim a sua «tournée» atravez da Europa, onde deverá ser ouvido em um recital do «Royal Festival Hall», durante o Festival da Grã Bretanha, em maio próximo. Em junho dêste ano, Arrau deverá apresentar-se novamente em Londres como solista das orquestras dirigidas por Sir Thomas Bechman e Sir Adrian Boult. Continuando, Cláudio Arrau, apresentar-se-á em Atenas e em Tel Aviv, capital de Israel, encabeçando uma lista de nomes famosos, como os de Rubinstein, Koussevitzky, Tourel, Nenuhin, Toscanini e outros.

Pausa para meditação



VERA ELLEN — (Metro)

A OPINIÃO ALHEIA

"A nós, particularmente, causa-nos maior apreensão a insistência com que se apela ao govêrno, no sentido de que tutele o cinema, torne-o em serviço público. Vezo antigo, o nosso de esperar pelo Tesouro, até para negócios de ordem privada. Inteligente seria — isto, sim — levar o dinheiro particular à emprêsa. Iniciativa não-oficial é livre, tem horizonte, permite atrevimentos, e, sobretudo, porque calcada em interêsse de lucro, foge da rotina burocrática... Afinal, há homens ricos, no país, que não se melindrariam se alguém lhes oferecesse meios de multiplicar recursos..."

Hugo Barcelos (Diário de Notícias)

★

"Quando é que Fernando de Barros, descobridor de tanta gente, vai descobrir que sua presença no cinema não é mais do que um equívoco? E quando é que a Vera-Cruz, se é seu desejo reabilitar-se do "affaire" Cavalcânti, vai descobrir a mesma coisa?"

Moniz Viana (Correio da Manhã)

★

"A exemplo de vários países do mundo, no Brasil, melhor, no Rio, bem ali no centro da Rua Marquês de Abrantes, 126, 10º andar, também organizaram um "Clube Juvenil Fãs do Cinema", para a defesa e os interêsses de artistas nacionais e estrangeiros. Tem ali cêrca de quarenta e poucos sócios — sócias, aliás, pois o clube é liderado apenas por um simpático contingente de moças — sob a direção da srta. Solange Guimarães. Naquele "templo" a idolatria está para Tyrone Power, Guy Madison, Alan Ladd, Scotty Brady, Gregory Peck e Peter Lawford, no grupo do cinema estrangeiro, e Cyl Farney, Fada Santoro e Rodolfo Mayer, no grupo dos brasileiros. São todos êsses artistas patronos do "Clube Juvenil Fãs de Cinema". Mantém o clube correspondência diária com os cine-fãs de quase todo o Brasil, e a todos envia material fotográfico e dados biográficos sôbre os seus astros patronos. Além de estar bem aparelhado para o fim a que se destina, o clube agrupa uma diretoria, que inclui Presidente, Primeira Secretária, Segunda Secretária, Tesoureira, Procuradora e Bibliotecária. Tem ainda sócios correspondentes em diversos Estados da União O "Clube Juvenil Fãs de Cinema" é, enfim, o que se pode chamar de a salvaguarda do artista de cinema, um exemplo que, a ser imitado por outros entre nós, terá sido dos mais salutares."

Castro Ramon (Diário Trabalhista)

★

"E' porque estamos agora na encruzilhada. Ou iremos pelo caminho certo, ou, na indecisão, o melhor será retroceder para desaparecer. Haverá uma depuração natural. Valores irão surgir. Decepções também. Mas, porque se desfral dam novos horizontes não é que devemos jogar pedras à retaguarda. Não iremos, com o apoio aos aventureiros, generalizar uma classe em que o pioneirismo e o ideal tiveram posição de relêvo. Tal como na inscrição de Lincoln, devemos sentenciar: "O passado é o prólogo".

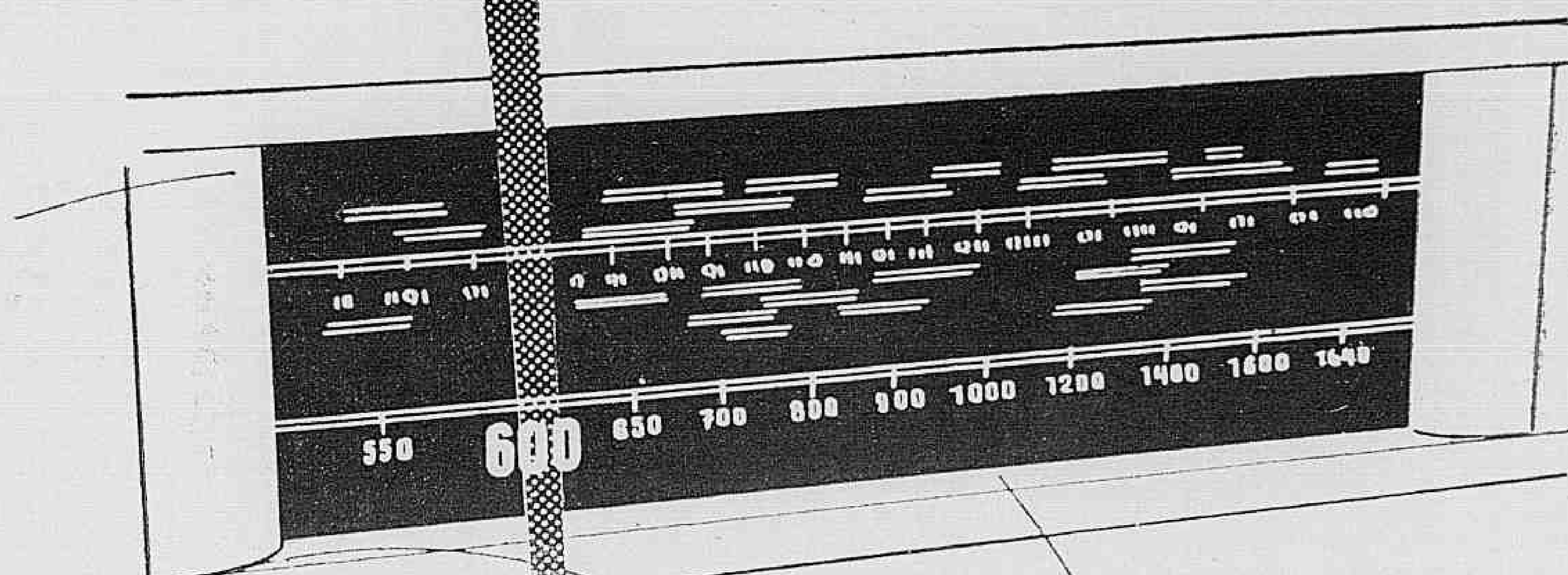
Manoel Jorge (O Mundo)

VOCÊ PODERÁ OUVIR A

Farroupilha

EM QUALQUER LUGAR DO

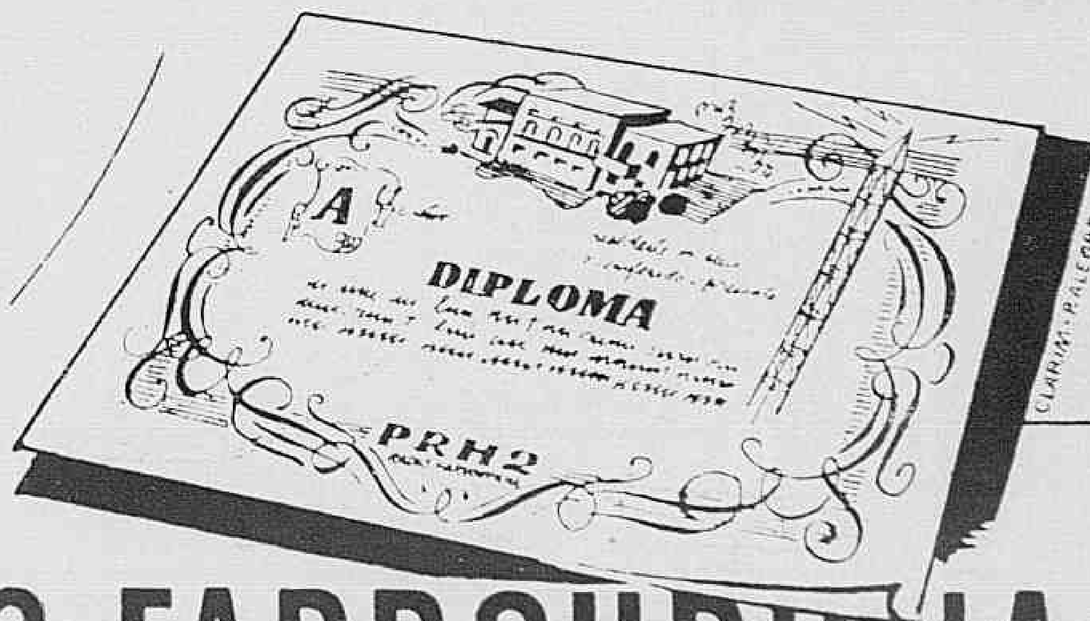
Brasil...



...logo no início do dial



ENVIE-NOS SUA COMUNICAÇÃO E LHE REMETEREMOS O DIPLOMA DE RADIO-OUVINTE



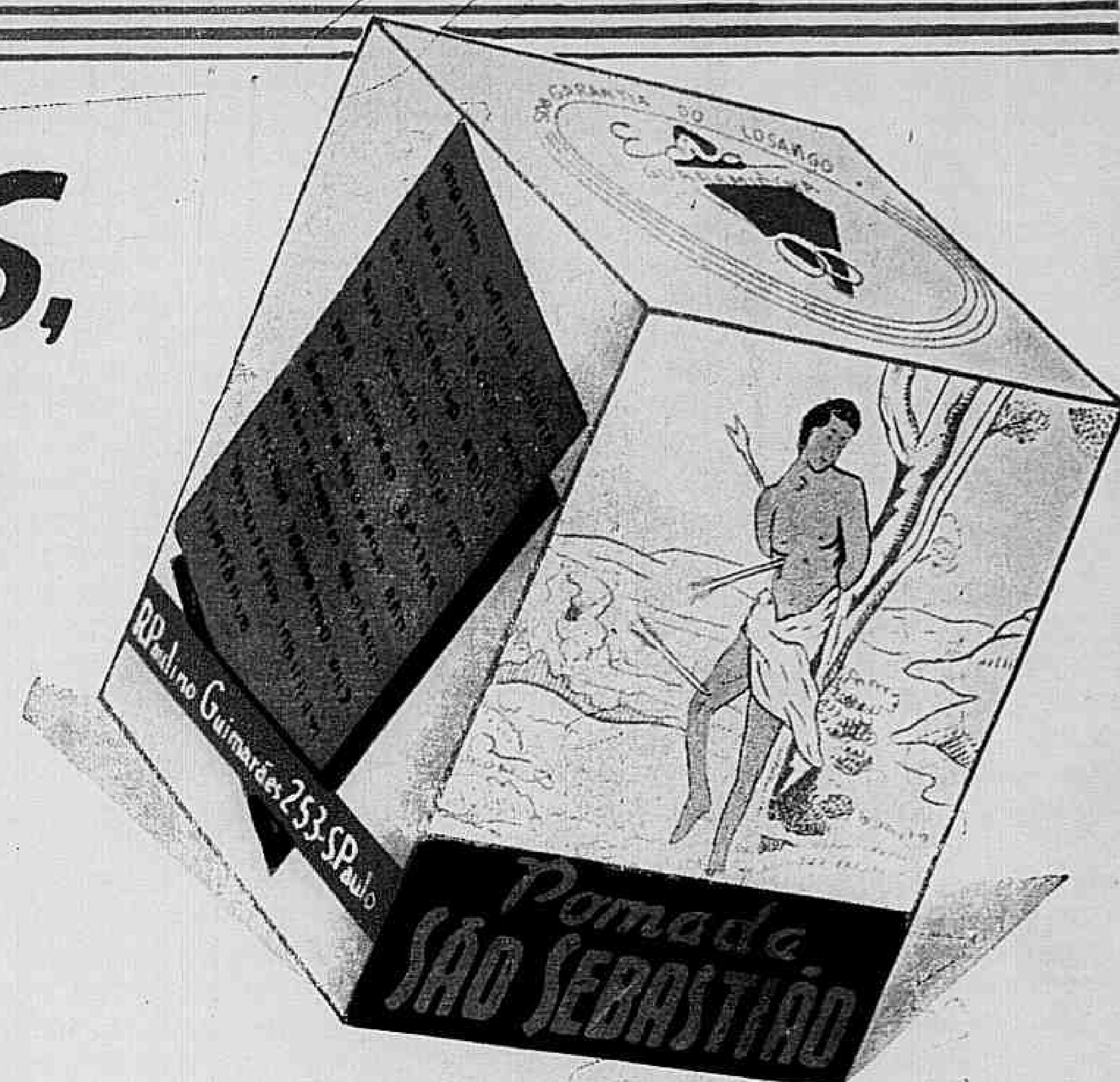
PRH2 RADIO FARROUPILHA

ORGÃO DOS DIÁRIOS ASSOCIADOS · RUA DOS ANDRADAS, 1137 · PORTO ALEGRE · RIO GRANDE DO SUL

Conserve a sua péle limpa e macia...



SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS



Pomada
SÃO SEBASTIÃO